E 16

ANO III NUM. 16

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

FEVEREIRO — 1942

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

1942

NÃO E' SEM LEGITIMO ORGULHO QUE VEMOS "EDUCANDO" ENTRAR NO SEU TERCEIRO ANO DE EXISTÊNCIA.

QUANTO MAIS ARDUA A LUTA, MAIS GLORIOSA A VITÓRIA. DAÍ A SATISFAÇÃO ÍNTIMA QUE NOS ANIMA AO VERMOS A NOSSA REVISTA TRIUNFAR DE TODOS OS EMBARAÇOS QUE TEEM SURGIDO, TÃO NUMEROSOS E SEMPRE NOVOS, MAS NENHUM BASTANTE FORTE PARA LEVAR AO DESANIMO AQUELES QUE DEDICADAMENTE TRABALHAM PARA GARANTIR A "EDUCANDO" UMA TRAJETÓRIA FELIZ E DURADOURA.

FAZENDO-SE O BALANÇO DOS BONS E MAUS MOMENTOS NA VIDA DE "EDUCANDO", CONFESSAMOS TEREM SIDO ESSES ULTIMOS MUITO MAIS NUMEROSOS QUE OS PRIMEIROS. ENTRETANTO, ELA AÍ ESTÁ DECIDIDA A ENFRENTAR UM NOVO ANO NA CONTINUAÇÃO DE SEU ELEVADO PROGRAMA.

ESTA REVISTA, QUE NASCEU DE UMA IDEIA GENEROSA, DE UM DESEJO SINCERO DE DAR A VOCÊ, COLEGA, O AUXÍLIO DE QUE NECESSITA; QUE LHE FALA DOS SEUS INTERESSES E PREOCUPAÇÕES, QUE LHE LEVA UMA ORIENTAÇÃO SEGURA; QUE É, FINALMENTE, O PEQUENO TRAÇO DE UNIÃO ENTRE A SUA ESCOLA, TALVÊS ESCONDIDA NUM SOCAVÃO DA SERRANIA, E TODAS AS NOVIDADES PEDAGOGICAS E REFORMAS QUE VISAM APERFEIÇOAR E FACILITAR A SUA TAREFA, ESTA REVISTA, PREZADA COLEGA, QUER VIVER PARA VOCÊ E, SE DEUS QUIZER, ELA HÁ-DE CONTINUAR A VENCER, AINDA, MUITOS ANOS DE VIDA ÚTIL E PRODUTIVA.

EDUCANDO

Sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMARIOS DE M. GERAIS

ANO II | FEVEREIRO | NUM. 16

EXPEDINTE

Direção e Redação

Marieta Leite

Gerência:

Leonilda Montandon
Zembla Pinheiro Chagas

Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - 18$000
Número avulso - - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 - Belo Horizonte

SUMA'RIO

1942 289

EDUCAÇÃO NO LAR — Maria Luiza de Almeida Cunha 291

IDEAIS DA JUVENTUDE — Dulce Botelho Junqueira 295

QUESTÕES DE PORTUGUÊS — J. Lourenço Filho 297

LITERATURA INFANTIL — Mariana Carlota da Mata Eulalio 301

MÃEZINHA (*Poesia*) — Heli Menegale 306

O JANTAR DOS BICHOS (*Poesia*) R. F. Ceury 306

SAGRADO EMBLEMA (*Poesia*) — Maria José Reiff 307

DO TRABALHO EM GRUPO L. S. Montandon 308

INSTRUÇÕES PARA ORGANIZAÇÃO DAS EXCURSÕES ESCOLARES — Geralda Lucas 313

UM PROJETO — L. M. 316

COMO COMBATER A MENTIRA E A INVENCIONICE NA CRIANÇA (*Transcrição*) 320

ORGANIZAÇÃO DO APRENDIZADO DA ARITMÉTICA 330

PASTEUR E O MENINO MORDIDO POR UM CÃO HIDROFOBO (*Tradução*) 333

O IRMÃO DE JOÃO SUJINHO (*Tradução*) 334

ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FISICA E DESPORTOS — *Instruções* 336

MINAS E A CAMPANHA NACIONAL DO TRIGO EM PATOS 337

CONCURSO PERMANENTE DE *EDUCANDO* 339

IMPRESSA NA

GRAFICA QUEIROZ BREYNER LTDA.
AVENIDA AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

Educação no Lar

M. Luiza Almeida CUNHA

NÃO existe talvez problema mais complexo, de aspectos mais variegados e mais atraente, do que o da educação.

E' velho como o mundo e sempre nos parece novo... simplicíssimo quando considerado em teoria e um verdadeiro quebra-cabeça quando manejado na realidade...

Como consegue empolgar de modo tão vivaz?

E' que pela educação, cada geração "madura", nesse grande anseio humano de se continuar através do tempo e do espaço, deseja incutir aos porvindouros as suas convicções, o seu ideal. A educação seduz porque é um celeiro de esperanças!...

Consideremos em primeiro lugar que ideal devemos focalizar? Fœrster afirma que em pedagogia o conhecimento básico é o do ideal educativo. Tem razão o eminente pensador a quem De Hovre incumbiu de prefaciar seu notavel trabalho sobre Filosofia pedagógica, apesar de ser Fœrster protestante.

Não é possivel fazer trabalho algum sem saber préviamente o que se pretende realizar. O que se fizer sem alvo prefixado será sempre canhestro e inconsequente.

Entretanto, além de focalizar o ideal, cumpre discernir qual é o *ideal desejavel* para o educando. Esse ideal ótimo para o educando ha-de, forçosamente, corresponder à *sua natureza* em primeiro lugar e secundariamente às suas aptidões individuais.

Num auditório de mães católicas não há dificuldade em fazer compreender que o único ideal satisfatório, desejavel, ótimo, integral consiste em fazer do educando (do filho que amamos mais que a nós mesmos) *um verdadeiro cristão*.

Este auditório catolico já não tateia sobre os conceitos de vida. Sabe que os valores naturais: bem estar físico, higidez mental, riqueza, etc., etc. devem ser subordinados ao fim ultimo que é a posse de Deus, posse velada ainda nesta terra, mas real na participação da graça pelos sacramentos e que terá seu esplendor perfeito no céu.

E assim, a vida se desenrola nestes dois planos que não se contradizem, antes se completam, se entrelaçam — o plano natural e o sobrenatural.

Recapitulo estes fundametos ao abrir-se esta Semana das Mães, porque, atualmente se difundem rapidamente tantas ideologias perniciosas, racistas, comunistas, etc., que convem fixar de inicio que todas elas são contrárias ao pensamento católico. Fundam-se em conceitos fragmentários da natureza do homem e substituem o Deus eterno por ídolos disfarçados: o Sangue, o Estado, a Comuna!

Definido o campo teórico, passemos ao da experiência quotidiana.

Convencidas do dever de fazer dos filhos verdadeiros cristãos, como conseguiremos isto na prática de cada dia?

E' certo que não pretendo esgotar o assunto que dá para muitos tratados. Visarei, apenas, alguns aspectos que me parecem susceptiveis de uma reforma imediata caso não estejam, no nosso lar, satisfazendo as normas recomendaveis.

1.º *Ponto*) Cumpre lembrar que a educação compete igualmente ao pai e à mãe.

O ambiente familiar é o *habitat* natural para que se processe harmoniosamente a educação infantil.

O pai e a mãe, por natureza e indole diferenciados, fisica e psicologicamente, devem colaborar nessa tarefa delicada e premente que é a educação dos filhos.

Mas acontece que este principio de colaboração, de continuidade na atuação individual dos pais não é frequentemente atendido. Muitas vezes o pai proíbe; a mãe vem e "passa a mão pela cabeça do pequeno", desmoralizando a ordem dada. O inverso tambem se dá...

Outras vezes as mães abdicam integralmente da autoridade que devem exercer, deixando ao pai a solução de todos os casos. Bastantes vezes tenho ouvido isto: "Deixe estar, seu capetinha, quando seu pai chegar eu conto tudo e você há-de ver o que é bom"!...

Confessemos que, se tais crianças sairem bem educadas será mesmo por um milagre da onipotência divina.

Mas bem sabemos que Deus N. Senhor não "gosta" de fazer milagres desnecessários e continuemos a considerar os requisitos da nossa colaboração com a munificência divina para que os nossos filhos não venham a se perder.

2.º *Ponto*) Ha autores que definem a educação como "a técnica de incutir bons hábitos". Esta definição põe em relêvo a importância dos hámitos na conduta humana. Como se formam os hábitos?

Sabemos que o individuo tem maior inclinação para reproduzir um ato, se este já ocupou sua atividade *frequentemente* de modo *duradouro e intenso*.

Vemos por aí que para criar nos filhos o *hábito da obediência*, por exemplo, precisamos, frequentemente, exercitá-los no cumprimento das ordens *dadas;* essas ordens devem ter um carater duradouro e devem ser firmes. Para isso deve a mãe ter sempre a mesma atitude diante das mesmas solicitações.

Ilustremos a afirmativa com um exemplo: Juquinha pede à mamãe para chupar balas fora da hora das refeições.

A mamãe nesse dia está calma e explica ao filho que isso faz mal à saúde, etc., etc. O pequeno, afinal cede e não vai ao botequim comprar balas. No dia seguinte, o Juquinha volta à carga Mas a mãe está nervosa, impaciente e para se livrar da massada consente logo.

E, assim, vai dando as ordens positivas ou negativas, segundo a disposição do momento.

Certamente esta criança ficará com a conciência mal formada e, por essa atuação intermitente, com muito custo chegará à aquisição de hábitos sadios para o corpo e para a alma. Portanto, dentro das normas fundamentais de educação, no lar, temos de incluir esta da *firmeza* e da *perseverança* na manutenção das ordens dadas.

Realmente esta manutenção exige que a mãe *pense* antes de exará-la para que não tenha de voltar atrás.

Por certo não se consegue esta se-

renidade na direção de uma *garotada* numerosa, sem calma e domínio sobre sí.

Fenelon escreve algures o seguinte:

"Ne reprenez jamais l'enfant ni dans son premier mouvement, ni dans le vôtre. Si vous le faites dans le vôtre il s'aperçoit que vous agissez par humeur et par promptitude, non par raison et par amitié; vous perdez sans ressource votre autorité. Si vous le reprenez dans son premier mouvement il n'a pas l'esprit assez libre pour avouer sa faute, pour vaincre sa passion et pour sentir l'importance de vos avis; c'est même l'exposer à perdre le respect qu'il vous doit".

Assim, diante de um filho a "sapatear de raiva" ou enquistado numa teimosia irredutivel precisa a mãe educadora segurar com as duas mãos todo impulso de castigar *imediatamente*. A violência satisfará o amor próprio pela insubordinação do filho; aliviará a indignação que sente fervilhar em si, mas, jámais será fecunda para manter a autoridade sobre a criança rebelde.

Não é, por certo, perdendo o equilibrio interior que a mãe educadora estará apta a auxiliar o filho para que volte às boas. E' primordial ensinar ao educando a se *governar*, não só a dirigir-se pela inteligência, mas de fato controlar as tendências instintivas pela vontade.

Os pais são, naturalmente, os primeiros modelos para os quais a criança olha e de quem imita as atitudes.

Sabemos que a imitação é uma das mais poderosas tendências aquisitivas da criança. Dizia um professor que o espírito é como certos insetos que tomam a cor da planta sobre a qual vivem. Esse mimetismo psicológico é um dos fatos que mais devem estimular e impressionar a mãe educadora.

Se ela mantem a técnica educativa unicamente no terreno das recomendações, dos conselhos e dos "pitos", agindo de maneira diferente do que preceitua, pode estar certa que fracassará na educação do filho.

O exemplo vivo de uma *vida vivida* conciente e honestamente, é, sem dúvida, um fator da mais alta valia na educação dos filhos.

Aqui vem a pêlo frisar a importância que tem o "ambiente" na formação da criança. Não incluo no ambiente apenas as condições materiais de asseio, ordem, ornamentação do lar — mas todo esse traquejo da vida doméstica: trato de empregado, visitas, conversas... que são frequentemente praticadas diante dos filhos de maneira descompassada e imprópria.

Uma das caracteristicas que mais impressionantemente se vão calcando na juventude moderna é a aversão aos encargos familiares. Já ousam muitas jovens declarar abertamente que não querem saber de filhos quando se casarem.

Uma das causas profundas dessa atitude não será a fixação no inconciente de cenas pouco edificantes, de queixas descontroladas dos pais sobre o pêso que os filhos constituem impedindo-os de uma vida mais folgada.

Não virão à tona d'alma essas impressões deletérias, quando os jovens se acham nessa época de definir a situação na vida?

E que entusiasmo poderão ter pela fundação de uma familia se as

recordações são de molde a destruir o encanto por essa instituição?

Convem não esquecer que as almas são mais sensiveis a impressões do que as mais delicadas chapas fotográficas o são à luz. No inconciente, tudo, absolutamente tudo, se inscreve e não como letra morta, mas como potencial de ação.

Felizmente já se torna arcaico o exclusivismo de Freud divisando no inconciente unicamente recalques de ordem sexual. O Bem, o Belo, tambem se inscrevem inconcientemente na alma e aí permanecem como força propulsora, sempre utilizaveis.

Sei de alguem que em momento de cris ede fé, dizia: Não chego a sacudir estes preconceitos católicos porque não consigo arrancar da memória a "Ave-Maria" que minha mãe me ensinou na infância".

Foi esta "Ave-Maria", balbuciada no despontar da vida o penhor da sua morte edificantemente cristã.

Do que vimos considerando até aqui, ressalta quão dificil é a tarefa de educar! Dia a dia me convenço que limitando as possibilidades educativas ao estrito dominio natural, muito pouco conseguiremos. Todos esses cuidados devem ser fertilizados pela graça. Jesus afirmou categoricamente, sem metáforas nem circumlóquios atenuantes: "Sem mim nada podeis fazer".

Portanto não basta à mãe educadora ensinar, corrigir, dar o exemplo; é preciso que viva em *estado de graça* e que reze pelos filhos queridos.

Sem estas técnicas de ordem sobrenatural lhe faltará a chama viva que é o desejo da santidade, desejo que a empolga e que ela quer sentir latejando no coração de cada filho.

Desejo que é torturante delicia porque, à medida que sentimos mais insignificante o nosso esforço, melhor apreendemos a misericordia maravilhosa de N. Senhor, chamando-nos a participar não só da obra criadora, mas tambem da sua obra restauradora.

E na missa diária a mãe educadora ao ler as palavras que o padre pronuncia quando mistura a agua com o vinho ("Oh! Deus que de maneira maravilhosa criastes a natureza humana e de maneira ainda mais admiravel a reformastes") sente de maneira precisa e forte que lhe compete, no lar, seu campo específico de atuação, trabalhar para a restauração da vida em Cristo Nosso Senhor.

Cooperando com a graça divina velará para que a lei de Deus seja respeitada no seu lar, velará para que todas as atividades domésticas sejam informadas num inquebrantavel amor de Deus.

ERA UMA VEZ...

Redação: — Avenida Cristovão Colombo, 92

BELO HORIZONTE

ASSINATURA ANUAL - 24$000

A Revista encantadora que Vovô Felício criou para auxilio ao professor primário, apôio aos pais e delicia da criança brasileira.

IDEAIS DA JUVENTUDE

Dulce Botelho JUNQUEIRA

ESCREVEU-ME do Rio a minha amiga, e havia em sua carta referências à juventude de hoje. Dizia pessimista: Eu que, sendo moderna em minhas atitudes, sou dotada de sentimentalismo antigo, choco-me de ver o pouco de respeito, a falta de consideração da juventude de hoje. Pensam os moços que são de muito valor e julgam-se uns portentos em tudo — até em experiencia — e não dão a menor atenção aos mas velhos. Talvêz em Minas seja diferente...

Será diferente? Sou professora de uma Escola Normal e ouço sempre mestres e inspetores recriminarem os modernismos das alunas...

Resolvo verificar por mim...

Ha uma festa. Que bela oportunidade para observar: uma diplomanda está falando sobre ,nossa saspirações". E vai dizendo o que as moças querem: "guerra ao ideal burguês, educação intelectual superior fundamentada em solida formação religiosa. Combate à moral nova oriunda das teorias naturalistas... levantar um dique às revoltas das conciencias..."

— Menina, você discursou com entusiasmo e fez uma oração bonita, mas não traduziu o pensamento da turma: do fundo da alma não é isso o que vocês querem, pois esses problemas humanos modernos, tão profundos, não são os seus... Eu sei que você frequenta a Ação Catolica — é soldado de Cristo — e suas palavras são a pregação dessa cruzada nova que o Papa levantou...

Tento outra prova: um inquérito a que 40 moças respondem de bom grado. E 24 querem o casamento — a felicidade conjugal e os deveres domesticos... E uma dezena ainda é mais explícita e fala em filhos... Ideais de religião e de moral referem-se tambem por 15 vezes e outras tantas os de cultura. Há quem ame a aventura — mas, não muito, e queira viajar, voltando por fim ao lar sem acidente: são 18, das quais um terço mui patrioticamente especifica "viajar para conhecer as belezas do Brasil". E quanto à profissão, apenas 15 mencionam o bagistério; 6 desejam ser bancárias; 5, enfermeiras; 3, aviadoras; 2, farmacêuticas; 1, advogada; 1, médica e 1, literata. Há 3 com aspirações de gloria e somente 2 querem ser ricas e gastar dinheiro.

Tudo muito simples, sensato e fabiliar... até burguês...

— Não, minha amiga lá do Rio, a mocidade nossa, a atual, ao menos a daqui do interior, é igual ao que nós fomos... E não ha que arrecearmos dos quadros tristes atribuidos à juventude russa... Hoje é como ontem foi: sempre um sonho de ventura familiar à sombra da religião e da moral; a ambição de vida enriquecida pela cultura, pela arte e por experiencias de paisagens novas e costumes exóticos; uma parcela de curiosidade e orgulho da natureza brasi-

leira decantada; o mesmo ideal de esposa feliz, de mulher mãe... Talvez um pouco mais de independencia feminina do que tivemos: a busca da profissão ainda que no campo guardado só aos homens até agora... E só... Cão Sonhos cor de rosa a embalar a vida doce de uma juventude feliz e inconsciente...

E, no entanto, é perigoso este sossego: o momento, a crise atual do mundo inteiro ped eformação diferente: quer mais que perfeição pessoal, mais que virtudes do lar — exige apostolado, heroismo...

E releio os questionários... Está certo meu resumo. E sinto com mágua que está falhando nossa Escola Normal em sua função maior de formar mestras idealistas fervorosas, de dedicação inquebrantavel ao bem da Pátria. Nos documentos das 40 diplomandas a maioria já renega o magistério, mesmo antes de experimentar-lhe as penas e trabalhos... E as que querem ensinar aceitam sua missão com calma, em vida que prevêm garantida a repartir-se entre os deveres do lar e a frequencia à escola... E só...

Mas, de certo, somos nós — a geração adulta — os responsaveis deste vagar ao léu da brisa dos espíritos jovens... Eles dormem, e nós não os acordamos para ideais mais altos... e nem lhes damos o exemplo do desprendimento... do sacrificio integral...

Mas... noto agora que ficou um questionário sem exame. E leio-o. E' curto e diz somente:

"Desejo viajar muito e ir aos sertões e conhecer a bondade simples de nossa gente rude. Quero ensinar ao roceiro tudo quanto sei e que lhe seja útil. Quero educar o homem dos campos e melhorar-lhe a sorte, porque é ignorante, e pobre, e abandonado, e passa muitas faltas, e mais ainda porque é brasileiro, e sei que trabalhando por ele estarei engrandecendo o meu Brasil. Ser professora da roça é minha grande aspiração..."

— Não, minha amiga. Discordo de você e retifico o que eu propria disse ha pouco: não censuro os moços, nem mesmo digo que são iguais a nós — na juventude de hoje ha quem valha mais que nossa geração.

COLEÇÃO 1940

Já está à venda a coleção composta de 8 números de EDUCANDO saidos durante o ano de 1940. Uma coleção de nossa revista constitue preciosa publicação para os professores, dada a variedade e excelência de seus diversos artigos, gravuras e orientações práticas.

Em suas diversas seções o professor encontrará material para comemorações d edatas cívicas, organização de auditórios e atividades extra-escolares.

São os seguintes os preços estipulados:

Coleção — números separados — 24$000. Pelo correio — 25$000

Coleção — encadernada em percaline — 30$000

Números avulsos de 1940 — 3$000

Pedidos para esta redação

QUESTÕES DE PORTUGUÊS

J. Lourenço de Oliveira

GRAFIA

SUMÁRIO — *Hagá, jota, esse, zê, xis*

Vamos atender hoje a uma carta da professora Maria da Conceição Vilela.

Diz a missiva:

"Leio sempre com prazer e proveito as "*Questões de Português*", na revista EDUCANDO. Com pesar notei que o último número não trazia a sua costumada colaboração e, para que o sr. não deixe de escrever, da próxima vez, aqui lhe envio as seguintes perguntas:

1. quando se corta e quando se conserva o *h?*
2. é "gorgear" ou "gorjear"?
3. porque "montanhesa" se escreve com *s?*
4. escreve-se "xeque" ou "cheque"?

Sei que são questões insignificantes, mas, para mim, a resolução delas será resolução de mais de uma dor-de-cabeça.

Por tudo lhe ficará muito agradecida a "constante leitora"

MARIA DA CONCEIÇÃO VILELA."

A LETRA *HAGÁ*

Tres posições pode ocupar o "hagá" insonoro: no princípio, como em HORA; no meio, como em REHAVER, e no fim, como em OH!

Diz a regra geral da simplificação que SE CONSERVA O HAGÁ INICIAL, MAS SE CORTA O HAGÁ MÉDIO BEM COMO O HAGÁ FINAL.

Consideremos cada caso, como fizeram os doutos, do ponto de vista da norma e do ponto de vista das exceções.

1.º) HAGÁ INICIAL — Conserva-se quando *etimológico*, isto é, quando exigido pela origem da palavra: HOMEM, HOJE, HONRA, HORA, HORIZONTE, HERÓI, HORÁCIO, HOMERO, etc.

Alguns hagás foram cortados, ou porque não eram etimológicos ou porque foram esquecidos, na evolução da língua: ÚMERO, OMBRO, ÚMIDO, ESPANHA, ONTEM, IATE, ERVA, PEDRA-UME, etc.

Espanha não tem hagá porque se fixou, nas línguas européias, segundo a forma SPANIA, e não segundo a forma HISPANIA, do latim clássico.

Entretanto, ao lado do vulgar ESPANHA e ESPANHOL, os eruditos criaram a forma HISPANO, de acôrdo com o latim clássico.

HISPANO é palavra paroxítona, com acento na sílaba "pa", e com-

põe nomes vulgares entre nós, como "hispano-americano", "hispano-brasileiro".

2.º) HAGA MÉdio — Suprime-s eo hagá médio das palavras portuguesas: BAÚ CAÍA, BAÍA PARAÍBA, COMPREENDER, ADESÃO, INERENTE, ANELO, EXORTAR, INUMAR, etc.

Entretanto, se o hagá médio está em palavra *composta* de outra palavra vernácula que comece por hagá, então não se corta: COHABITAR, COHERDEIRO, DESHERDAR, DESHONRA, EXHAUSTO, INHABIL, REHAVER, etc.

3.º) HAGÁ FINAL — Foi suprimido o hagá final das palavras portuguesas: ALA', JEOVA', DÉBORA, SARA, DINA', DINORA', ZILA', etc.

Entretanto, foi conservado o hagá final das interjeições: AH! OH! IH!, etc.

GORJEAR — A grafia simplificada enraiza-se fortemente na etimologia, dentro de um critério que exigiu retificação de muitos abusos da velha grafia.

Certas formas retificadas ainda espantam os olhos de desprevenidos. A palavra GORJEAR admirará, de primeiro momento, (com seu *j*), a quem estava acostumado ao velho e abusivo GORGEAR, com *g* Entretanto, quem refletir que GORJEAR vem de GORJA (garganta) passará a estranhar que se pense em escrever com *g* essa palavra.

Eis uma lista de algumas retificações etimológicas, contra o *g*: GORJEAR, REGORJITAR (cf. *gorja*); JEITO (cf. *sujeito, rejeitar, objeto*); MAJESTADE (cf. o latim "majestate"); GRANJEAR (cf. *granja*); MANJEDOURA (cf. *manjar*); OJERRIZA (cf. o esp. "ojo") JIBÓIA, JÍRIA, etc.

MONTANHESA — Por que se escreve com s?

RESPOSTA: — Nomes em "esa", concretos, derivados de SUBSTANTIVOS, significando proveniência, origem, nacionalidade, escrevem-se com "s", porque êsse "esa" representa o feminino do sufixo latino "ensis", que se transformou no vernáculo "ês".

O sufixo "ÊS, traduzindo idéia de naturalidade, proveniência, era uniforme, no português medieval. Dizia-se "gente montanhês", em vez de "montanhesa", como agora exige o costume. Dizia-se, como no mui citado exemplo de João de Barros: "A nossa *português*... linguagem."

Reminiscência da uniformidade se guarda ainda com o adjetivo *cortês;* homem CORTÊS, mulher CORTÊS.

Outra reminiscência está no modo de formar advérbios em "mente". Como se sabe, o adjetivo, primeiro vai ao *feminino*: *lúcido, lúcida, lucidamente*. Entretanto: cortêsmente, burguêsmente, portuguêsmente...

MONTANHESA é o femiinno de MONTANHÊS e ÊSA é o feminino de "ÊS", transformação vernácula do latino "ensis".

O sufixo "ensis" encontra-se em vocábulos de criação recente como ceareENSE, amazonENSE, fluminENSE, etc..

REGRA — NOMES EM "ÊS", ou "ESA", CONCRETOS, DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS E SIGNIFICANDO NATURALIDADE, ORIGEM, GROVENIÊNCIA, ESCREVEM-SE COM "S".

Exemplos: *português, chinês, francês, inglês,* etc. (nomes gentílicos); *burguês* (originário de "burgo"); daí *burguesia, burçuesismo; camponês* (camponense, do campo), *montanhês* (da montanha), *cortês* (da côrte), *marquês* (da marca), *hamburguês* ou *hamburguesa* (de Hamburgo).

O último exemplo da lista associa-se ao nome de certa bebida, cujo fabricante lhe fez larga propaganda, nos últimos meses dêste pobre 1941. Muitas vezes vi projetado, na tela do cinema, um cartaz muito inestético, que dizia, com muito zê: "A terra montanheZa tem agora a sua HamburgueZa".

Mais de uma vez tenho declarado a alunos que os cofres nacionais arrecadariam, pelo menos durante alguns primeiros anos, enormes somas de dinheiro, se o govêrno regulamentasse e taxasse uns tantos erros do vernáculo industrial e comercial, os quais inçam diáriamente as páginas de anúncios e os cartazes.

CLAREZA — O contraste do "s" em "montanhesa" está no "z" de "clareza".

REGRA — NOMES EM "EZ" OU "EZA", ABSTRATOS, DERIVADOS DE ADJETIVOS, SIGNIFICANDO ESTADO, ESCREVEM-SE COM "Z".

Exemplos: *clareza, beleza, certeza, fineza, franqueza, limpeza... surdez, altivez, aridez, embriaguez, estupidez, nitidez...*

O sufixo "esa" de montanhesa, como vimos, representa um flexionamento vernáculo, para o feminino, do antigo sufixo uniforme "ês".

Nas palavras do tipo "eza"-"ez", a evolução tomou caminho inverso, porque, assim como "esa" representa um alargamenot de "ês", o "ez" (com z) representa um atrofiamento de "eza", que resulta do latino "itia", de "tristitia (tristeza), "justitia", etc.

ANALISAR-AMENIZAR — Se estamos com a mão na massa, repetiremos a explicação do critério para se escrever "ISAR" e "IZAR".

Êsse critério consiste em identificar o elemento final da forma verbal. Se êle é apenas a desinência "AR", como em analisAR (o tema "analis-", mais "ar"), então a mistura "ISAR" é com "s". Se, porém, o elemento final é o sufixo "IZAR", como em amenIZAR (tema "amen-", mais "izar"), então se escreve com "z".

Exemplos: *analisar, alisar, avisar, balisar, bisar, precisar* (de análise, liso, aviso, balisa, bis, preciso) ... *amenizar, alcoolizar, agonizar, arborizar, canalizar* (de ameno, álcool, agonia, árvore, canal)...

XEQUE-CHEQUE — Existem ambas as formas. *Xeque,* palavra oriental, ou é têrmo de xadrez, ou é um título entre árabes. *Cheque,* de inglês, é um título bancário.

põe nomes vulgares entre nós, como "hispano-americano", "hispano-brasileiro".

2.º) HAGA MÉdio — Suprime-s eo hagá médio das palavras portuguesas: BAÚ CAíA, BAíA PARAíBA, COMPREENDER, ADESÃO, INERENTE, ANELO, EXORTAR, INUMAR, etc.

Entretanto, se o hagá médio está em palavra *composta* de outra palavra vernácula que comece por hagá, então não se corta: COHABITAR, COHERDEIRO, DESHERDAR, DESHONRA, EXHAUSTO, INHABIL, REHAVER, etc.

3.º) HAGÁ FINAL — Foi suprimido o hagá final das palavras portuguesas: ALA', JEOVA', DÉBORA, SARA, DINA', DINORA', ZILA', etc.

Entretanto, foi conservado o hagá final das interjeições: AH! OH! IH!, etc.

GORJEAR — A grafia simplificada enraiza-se fortemente na etimologia, dentro de um critério que exigiu retificação de muitos abusos da velha grafia.

Certas formas retificadas ainda espantam os olhos de desprevenidos. A palavra GORJEAR admirará, de primeiro momento, (com seu *j*), a quem estava acostumado ao velho e abusivo GORGEAR, com *g* Entretanto, quem refletir que GORJEAR vem de GORJA (garganta) passará a estranhar que se pense em escrever com *g* essa palavra.

Eis uma lista de algumas retificações etimológicas, contra o *g*: GORJEAR, REGORJITAR (cf. *gorja*); JEITO (cf. *sujeito, rejeitar, objeto*); MAJESTADE (cf. o latim "majestate"); GRANJEAR (cf. *granja*); MANJEDOURA (cf. *manjar*); OJERRIZA (cf. o esp. "ojo") JIBÓIA, JíRIA, etc.

MONTANHESA — Por que se escreve com s?

RESPOSTA: — Nomes em "esa", concretos, derivados de SUBSTANTIVOS, significando proveniência, origem, nacionalidade, escrevem-se com "s", porque êsse "esa" representa o feminino do sufixo latino "ensis", que se transformou no vernáculo "ês".

O sufixo "ÊS, traduzindo idéia de naturalidade, proveniência, era uniforme, no português medieval. Dizia-se "gente montanhês", em vez de "montanhesa", como agora exige o costume. Dizia-se, como no mui citado exemplo de João de Barros: "A nossa *português*... linguagem."

Reminiscência da uniformidade se guarad ainda com o adjetivo *cortês;* homem CORTÊS, mulher CORTÊS.

Outra reminiscência está no modo de formar advérbios em "mente". Como se sabe, o adjetivo, primeiro vai ao *feminino*: *lúcido, lúcida, lucidamente*. Entretanto: cortêsmente, burguêsmente, portuguêsmente...

MONTANHESA é o femiinno de MONTANHÊS e ÊSA é o feminino de "ÊS", transformação vernácula do latino "ensis".

O sufixo "ensis" encontra-se em vocábulos de criação recente como ceareENSE, amazonENSE, fluminENSE, etc..

REGRA — NOMES EM "ÊS", ou "ESA", CONCRETOS, DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS E SIGNIFICANDO NATURALIDADE, ORIGEM, GROVENIÊNCIA, ESCREVEM-SE COM "S".

Exemplos: *português, chinês, francês, inglês,* etc. (nomes gentílicos); *burguês* (originário de "burgo"); daí *burguesia, burçuesismo; camponês* (camponense, do campo), *montanhês* (da montanha), *cortês* (da côrte), *marquês* (da marca), *hamburguês* ou *hamburguesa* (de Hamburgo).

O último exemplo da lista associa-se ao nome de certa bebida, cujo fabricante lhe fez larga propaganda, nos últimos meses dêste pobre 1941. Muitas vezes vi projetado, na tela do cinema, um cartaz muito inestético, que dizia, com muito zê: "A terra montanheZa tem agora a sua HamburgueZa".

Mais de uma vez tenho declarado a alunos que os cofres nacionais arrecadariam, pelo menos durante alguns primeiros anos, enormes somas de dinheiro, se o govêrno regulamentasse e taxasse uns tantos erros do vernáculo industrial e comercial, os quais inçam diáriamente as páginas de anúncios e os cartazes.

CLAREZA — O contraste do "s" em "montanhesa" está no "z" de "clareza".

REGRA — NOMES EM "EZ" OU "EZA", ABSTRATOS, DERIVADOS DE ADJETIVOS, SIGNIFICANDO ESTADO, ESCREVEM-SE COM "Z".

Exemplos: *clareza, beleza, certeza, fineza, franqueza, limpeza... surdez, altivez, aridez, embriaguez, estupidez, nitidez...*

O sufixo "esa" de montanhesa, como vimos, representa um flexionamento vernáculo, para o feminino, do antigo sufixo uniforme "ês".

Nas palavras do tipo "eza"-"ez", a evolução tomou caminho inverso, porque, assim como "esa" representa um alargamenot de "ês", o "ez" (com z) representa um atrofiamento de "eza", que resulta do latino "itia", de "tristitia (tristeza), "justitia", etc.

ANALISAR-AMENIZAR — Se estamos com a mão na massa, repetiremos a explicação do critério para se escrever "ISAR" e "IZAR".

Êsse critério consiste em identificar o elemento final da forma verbal. Se êle é apenas a desinência "AR", como em analisAR (o tema "analis-", mais "ar"), então a mistura "ISAR" é com "s". Se, porém, o elemento final é o sufixo "IZAR", como em amenIZAR (tema "amen-", mais "izar"), então se escreve com "z".

Exemplos: *analisar, alisar, avisar, balisar, bisar, precisar* (de análise, liso, aviso, balisa, bis, preciso) ... *amenizar, alcoolizar, agonizar, arborizar, canalizar* (de ameno, álcool, agonia, árvore, canal)...

XEQUE-CHEQUE — Existem ambas as formas. *Xeque,* palavra oriental, ou é têrmo de xadrez, ou é um título entre árabes. *Cheque,* de inglês, é um título bancário.

O *xis* é letra complexa de vários sons, que atrapalha muito a facilidade desejada na simplificação.

Vejamos os valores de *xis*, nas listas de exemplos seguintes:

1. *excelente, exceder, expletivo, expor, etc.* (x + consoante)
2. *exame, exagêro, executar, exílio*, etc. (x = z).
3. *flexão, axioma, fixo, nexo, léxico, paradoxo*, etc. (x = cs)
4. *trouxe, próximo, auxílio, sintaxe, máximo*, etc. (x = ss).
5. *caixa, caxumba, eixo, enxada, lixo, luxo, mexer*, etc. (é igual a si mesmo).

Vejamos algumas coincidências curiosas: *chá*, bebida, e *xá*, soberano da Pérsia; *tacha*, prego (mancha, defeito, tacho), e *taxa*, imposto; *chácara*, quinta e, *xácara*, narrativa popular; *cocho*, onde bebe o gado, e *coxo*, o que manca, etc.

Um bom dicionário, como o ETIMOLÓGICO, de Nascentes, é um salutar remédio para tais males. Também é bom remédio alguma boa obra especiaiizada, como o livro sôbre GRAFIA de Daltro Santos.

NOTA — CONSULTAS PARA ESTA REDAÇÃO.

Literatura Infantil

MARIANA CARLOTA DA MATA EULALIO

Conhecedor da psicologia da infância e vendo até que ponto as histórias alegram as crianças e as educam, Froebel, o criador dos Jardins da Infância, as preconizou em método, instituindo as "Causéries de la Mère".

Apresentamos neste capítulo algumas sugestões práticas às professoras e incluiremos uma lista de histórias que poderão ser contadas a seus alunos.

Essas histórias foram, quasi todas, experimentadas nas Escolas Infantis de Belo Horizonte, com resultados satisfatórios.

VALORES DAS HISTÓRIAS

Tudo o que é necessário à infância tem valor indiscutivel. Assim como os trabalhos manuais têm o seu lugar de destaque em nosso programa, porque são necessários ao desenvolvimento muscular dos pequeninos, as histórias são incluidas no programa das Escolas Infantis, com uma referência especial, porque são necessárias à infância no que diz respeito ao alargamento de sua própria vida interior e à sua projeção no mundo das experiências sociais.

Sem nos estendermos em considerações de ordem técnica, destacaremos algumas das principais razões que fazem das histórias elemento de valor não só para a criança, mas tambem, para o mestre.

1.º) A HISTÓRIA E' UM ESTIMULO AO PENSAMENTO

A criança, entre 4 e 7 anos não sabe ler. Não será, portanto, por meio da leitura que ela irá, como o adulto, receber conhecimentos e estímulo para pensar. O pensamento se faz por meio de ideias; assim, a criança precisa adquirí-las e ampliá-las. Não percamos, entretanto, de vista, que, em geral, enquanto frequenta a Escola Infantil a criança não faz diferença entre o seu mundo interior e o mundo que a cerca. Não pode alcançar ainda a explicação normal dos fatos e ajusta a vida à sua lógica pessoal. Essa lógica, conforme observou Tristão de Ataide, é indecisa, nebulosa, está ainda em periodo de desenvolvimento; é mais uma lógica de justaposição. Ela ainde não se precisou e voga ao sabor das descobertas do mundo e da evolução interior. E' portanto, uma lógica própria, especial.

Com a idade ela vai se precisando, adquirindo novos elementos *distinguindo entre o real e o imagiário*, numa palavra: "concretizando-se". (1).

Desse modo, o "maravilhoso" das histórias de fada, que é absurdo ou fantasia para o adulto, é a realidade para a criança. E o que é lógico para aquele, é ininteligivel à infância e obedece à sua própria lógica. O belo, o maravilhoso, o poético são grandes estímulos para o pensamento infantil e atraem a criança com força de um instinto.

"Existe, como diz Vera Barclay, no coração de cada criança, o que poderaimos chamar o "*instinto do maravilhoso e do extraordinário*".

O maravilhoso não surpreende a criança mas encanta, do mesmo modo que o entendimento das grandes concepções científicas alegra a inteligência do homem.

A bota que faz, de cada vez, sete léguas de caminho, é natural para a criança, assim como "um copo que tenha trinta metros de altura".

O absurdo desses limites no tempo e essas dimensões não existe em sua imaginação, porque para ela, como já dissemos, o mundo real e o da fantasia se equivalem.

Esse aspeto da psicologia da criança levou Mme. Haíphen Stel a dizer: A repercussão das histórias sobre a mentalidade adulta não é a mesma que sobre a sensibilidade de um espirito infantil.

Parece que a criança cria de novo a história, dando-lhe um feitio especial; se pudéssemos ouvir a repercussão das histórias que contamos, tal qual ela se produz numa assembléia de pequeninos ficaríamos surpreendidos do encanto que se desprende de cada uma delas". (2).

Do mesmo modo, ficaríamos encantados, se pudéssemos conhecer o que a imaginação da criança pode criar em torno, muitas vezes, de objetos simples e comuns.

Tagore, escrevendo "The Crescent Moon", traduziu em poemas, com penetração realmente notavel, a linguagem da imaginação infantil:

O "MEU palácio encantado eu o farei sumir-se, no ar, se alguem quiser saber onde ele fica. Suas paredes são de prata e seu teto de ouro reluzente.

A rainha mora numa casa de sete páteos e usa uma joia que custa a fortuna de sete reinos. Mas a Você, mamãe, eu direi, muito em segredo, onde é o meu palácio real; é alí no canto do terraço onde fica o vaso de mangericão.

Dorme a princesa na praia longínqua dos sete mares bravios.

Não há ninguem, no mudo. capaz de achá-la, a não ser eu. Seus cabelos vão até o chão e ela usa braceletes de ouro e brincos de pérolas.

Quando eu tocá-la com a minha varinha mágica, ela acordará e então o sorriso dos seus lábios se desfará em pedrarias.

Mas a Você, mamãe, eu direi muito, em segredo, onde está a princesa; é no canto do terraço, alí onde fica o vaso de mangericão.

Quando fôr a hora do teu banho no rio, pára um pouco, mãe, no nosso terraço. Eu estarei sentado no canto, onde encontram as sombras das suas muralhas.

Có o gatinho pode vir comigo, porque conhece todos os segredos da minha história.

Mas a Você, mamãe, eu contarei tudo; é alí, no cantinho do terraço, onde fica o vaso de mangericão". (1)

Tantas maravilhas: — um palácio maravilhoso, uma rainha coberta de joias preciosas e que dorme o sono do encantamento, do qual só despertará ao toque da varinha mágica; o sorriso que se desfaz em pedrarias, assim como o bracelete de ouro e os brincos de pérolas, tudo existe, para a criança, num cantinho onde não vemos mais do que um vaso de mangericão.

2.º — ESTÍMULO A UMA VIDA MAIS ELEVADA

As histórias incutem na criança, através de suas belas ficções muitas das verdades básicas da vida. Como observa Sara Bryant, (2) "as verdades elementares da lei moral e os padrões gerais da experiência humana

são apresentados pelas histórias, através da poesia de suas imagens.

O príncipe que, para despertar a bela adormecida no bosque deve atravessar um espinhal imenso e intrincadissimo, transmite à criança uma bela lição de coragem quando exclama: "Mas eu atravessarei os espinhos, porque eu não tenho medo!" E' uma bela fantasia sim, aquela em que a fada diz à boa menina, para recompensá-la: "Sempre que falares, cairão pérolas e flores da tua boca." Não está aí um extraordinário ensinamento?

Nas histórias de fada, em geral, tudo o que acontece uma segunda vez é muito mais rico, muito mais belo, muito mais nobre do que foi da primeira vez. "Gata Borralheira" vai ao baile, na terceira noite, com trajes mais ricos e belos do que aqueles usados na primeira e na segunda noite. Que grande ensinamento! Vemos aí que para conseguirmos os nossos objetivos, devemos nos fazer, cada dia que passa, muito mais virtuosos, muito mais corajosos, muito mais humanos.

As transformações, em contos de fada, parecem o cúmulo da fantasía; entretanto, poder muito mais extraordinário de transformações existe em cada um de nós, na vontade de cada individuo que póde operar milagre tão nobre e tão alto de transformar a sua fraqueza em força

Aí está, como exemplo do que ficou dito, a figura interessante do "Pequeno Polegar" que, pela inteligência, desviava o mal e alcançava sempre êxito em suas tentativas.

As histórias refletem, pois, muitas verdades da vida em sociedade.

Educadores inhábeis seramos, se pintássemos às nossas crianças, através das histórias, um mundo onde a virtude não se impusesse pela sua força, onde o belo não ocupasse o primeiro lugar, onde as vitórias coubessem aos imprevidentes, onde a inteligência não se revestisse de nobreza.

Muitos outros valores serão facilmente deduzidos pela professora, como por exemplo: o desenvolvimento dos hábitos de atenção entre os alunos, o que, nessa idade, se obtém facilmente. Uma vez, porém, que consiga a professora, pelo desenrolar da história, "acorrentar essa atenção pela força do interesse, as crianças começam a esperar dela alguma cousa. Sendo conduzidas passo a passo, de um episódio a outro, seu espírito, a principio preso somente à fascinação dos fatos, adquire o hábito de seguir toda dedução lógica. "Naturalmente, com crianças de Jardim, não poderemos esperar progressos muito rápidos, mas os resultados finais serão sempre compensadores.

Usadas com hábilidade, a shistórias podem se transformar em excelentes meios de educação, pela intensidade das impressões que deixam nas crianças, e pela força dos exemplos que apontam. Anatole França nos mostra como chegou a modificar completamente o carater de uma menina entregue a seus cuidados, unicamente com o auxilio da literatura infantil (1).

ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

"A arte de contar histórias, por mais antiga que seja, é uma arte sempre nova".

Para bem contar histórias, a professora deve considerar alguns pontos que a auxiliarão nessa "arte de atrair e prender a infância".

SELEÇÃO DAS HISTÓRIAS — Deve, primeiramente, dispor de uma

reserva de histórias selecionadas, de acordo com a natureza do pequeno auditório a que se destinam.

A seleção será feita depois de um cuidadoso estudo das histórias, em todos os seus elementos, considerando, principalmente, os seguintes:

a) que os fatos relatados possam ser compreendidos pelo auditório e levem à compreensão de novos.

b) que os sentimentos e experiências inferiores conduzam a uma concepção elevada e bela da vida, ou a uma disposição de otimismo e de alegria.

c) que os incidetes estejam bem coordenados, de modo a convergir para o desfecho.

d) que os incidentes não sejam numerosos a ponto de prejudicarem a concentração da atenção e do auditório, e dificultando às crianças acompanharem o seu movimento.

e) que a linguagem seja simples, clara, porém atraente.

f) que não provoquem reações indesejaveis como o medo, a tristeza, a raiva e que, de modo nenhum, excitem excessivamente.

g) que não encerrem elementos nocivos à formação moral: desprezo aos humildes, aos velhos, aos feios, aleijados, ingnorantes.

h) que em nossas histórias só vençam a bondade, a inteligência, a bravura, a paciência e nunca a astúcia, a inveja ou o despotismo.

Selecionadas as histórias, consideremos outros elementos que concorrem para que sejam bem contadas. E esses se referem à professora.

IDENTIFICAÇÃO DE HISTÓRIAS — Nosso principal objetivo, ao contarmos uma história às crianças é o dar-lhe satisfação. Não nos esqueçamos de que a literatura é uma arte e como tal deve ser usada nas escolas.

Como arte, possa encher de alegria o coração das crianças, elevar-lhes o espirito, fazê-las participar desse encantamento que só se aproxima da nossa vida quando escutamos ou sentimos alguma coisa de belo. Como arte, torne a criança melhor e mais feliz.

Assim, a professora terá o cuidado de bem conhecer a história e contá-la de cór. Procurará identificar-se com seus personagens, viver as suas peripécias, sentir as suas emoções, perceber os momentos de surpresa, de susto, de alegria para saber transmití-los ao seu auditório. Contará a história do principio ao fim sem interrompê-la para dirigir perguntas às crianças, sem digressões inuteis, e, ao terminar, não indague sistematicamente pelo ensinamento moral das histórias, isto lhe daria mais um carater de lição que de entretimento. S a professora souber escolher bem as histórias; se os personagens agirem de acordo com os principios estabelecidos; se o ambiente em que eles se moverem fôr sempre elevado; se o bem, a inteligência, a coragem triunfarem do mal; se os nossos herois forem dignos de ser imitados; se houver arte e beleza em sua forma e em seu conteúdo a professora não deverá duvidar de que a história assim contada só poderá contribuir para a formação do carater de seus pequeninos alunos.

AMBIENTE — Antes de começar a contar qualquer história, a professora deverá tambem preparar o ambiente. Para isso o melhor meio é assentar-se ao mesmo nivel das crianças e, nas Escolas Infantis a prática mais recomendavel é assentar-se nas próprias cadeirinhas usa-

das por elas. Reuna assim, os alunos à sua volta e, com voz agradavel e em timbre natural, comece a contar a sua história: "Era uma vez..."

Não há criança, por mais desassossegada que seja, que resista a esse convite, e em pouco tempo, terá a sua classe na maior disciplina e atenção, encantadas todas as crianças com a história que escutam.

Vera Barclay nos conta como conseguiu conquistar a simpatia e a atenção de um auditório de cerca de sessenta meninos e meninas que lhe eram, inteiramente desconhecidos, somente com o auxilio das histórias contadas. Também nós temos tido experiências nesse sentido.

PEQUENA LISTA DE HISTÓRIAS QUE PODERÃO SER CONTADAS A'S CRIANCINHAS

1.º) HISTÓRIAS CUMULATIVAS — (Com elementos de repetição) São histórias mais recomendadas às Escolas Infantis, por se ajustarem bem ao grau de desenvolvimento das crianças que as frequentam. Pelos seus elementos juxtapostos estão de acôrdo com a lógica infantil, que nessa idade "é uma logica de juxtaposiçãço, caracterizada pela falta de sintese." Por outro lado essas histórias são extremamente movimentadas, no que se acham em harmonia com a natureza da criança, essencialmente dinâmica nessa idade.

a) "História de D. Baratinha" (do livro "Contos da Carochinha").
b) "A Formiguinha e a Neve" (idem).
c) "Os tres porquitos" (Tesouro da Juventude).
d) "Zezé e a Cabacinha" (Lendas Brasileiras).
e) "A Galinha Vermelha ou a Galinha Pedrês" (Cartilha Analitica, Sei Ler).
f) "A Velhota e o Porco".
g) "O Rabo do Camondongo".
h) "O Mundo vai acabar" (Revista EDUCANDO).
i) "Que é do Toucinho que estava aqui?"

2.º) HISTÓRIAS RIMADAS:

a) Aventuras de Juca e Chico" (Trad. de Olavo Bilac).
b) "Aventuras de Sinhazinha e Maricota" (Estas histórias podem ser usadas no 3.º periodo. Cada dia a professora lê um episódio para as crianças).

3.º HISTÓRIAS INTERCALADAS DE PEQUENAS RIMAS.

4.º) HISTÓRIAS DE ANIMAIS PERSONIFICADOS

5.º) CONTOS BURLESCOS — "O Lobo que não queria saïr do bosque".

6.º) CONTOS DE FADA — Os mais simples e populares: "Contos de Perrault", "Chapeuzinho Vermelho", "O Pequeno Polegar", "A Bela adormecida no Bosque", etc., adaptados e simplificados.

7.º) CONTOS DE GRIMM: "As estrelas d'ouro", "O Gato e o Rato", "A Lebre e o Ouriço Caixeiro", "Branca de Neve", "Rosa Branca e Rosa Vermelha", "Os tres irmãos", "O Lobo e os Sete Cachorrinhos", adaptados e simplificados.

8.º) CONTOS DE ANDERSEN — "Os sapatinhos vermelhos", "Os cisnes selvagens", "As sete histórias do reino da Neve", adaptados e simplificados.

9.º) HISTÓRIAS BÍBLICAS — da do Menino Josus", "Lendas Hebraicas"; algumas histórias do Antigo e Novo Testamento, adaptadas e simplificadas.

MÃEZINHA

*

HELÍ MENEGALE

Minha mãezinha é a pessoa
que a mim, na terra, mais ama.
A' noite, risonha e boa,
vem ver-me na minha cama,

cobre-me bem, faz-me festa,
se rio, indaga: — "Que foi?"
Por fim, me beija na testa,
dizendo: — "Deus te abençôe".

Durmo. E, enquanto estou dormindo,
de sonhos tudo se estrela.
Mas o meu sonho mais lindo
é quando sonho com ela.

O JANTAR DOS BICHOS

— Tic... tic... tic!...
Agita-se o galinheiro!
Vem correndo alvoroçada
— Tic... tic... tic!...
Vem correndo alvoroçada
Comer milho no terreiro.

— Chou... chou... chou!...
Vem o cavalo aos relinchos
Vem o burrico a zurrar.
— Chou... chou... chou!...
O cabrito vem aos pinchos,
Para o milho manducar.

— Chico... chico... chico!...
Que alvoroço no chiqueiro!
O porco, a porca, o porquinho...
— Chico... chico... chico!...
Tudo vem num instantinho,
Para ter milho primeiro.

R. FLEURY

SAGRADO EMBLEMA

(D. CORRÊA DE AQUINO)

Como é linda, assim brincando,
no fulgor de etéreo anil,
com um zéfiro tão brando,
a bandeira do Brasil

Que encantos não encerra,
para uma alma juvenil,
o pendão de minha Terra
— a bandeira do Brasil!

Nossos pais eu vi curvando
a cabeça já senil,
ao passar, abençoando,
a bandeira do Brasil!

Que jamais iníquas obras,
que jamais um ato vil,
manche as tuas dobras,
ó bandeira do Brasil!

Mas, de um povo bem fadado,
rico, nobre, varonil,
seja sempre emblema honrado
a bandeira do Brasil!

Do trabalho em Grupo

L. S. MONTANDON

LOGO que os princípios da escola ativa começaram a penetrar nos nossos grupos, o ambiente escolar começou tambem a se modificar, com espanto e alegria da pequenada, que via desaparecer o aborrecimento a tristeza e o temor ante o aspecto risonho das salas de aula onde as carteiras tomavam uma disposição menos severa, onde gravuras sugestivas punham nas paredes uma nota alegre e onde, mais que tudo, a atitude da professora convidava à confiança e à expansão. Uma nova organização transformava por completo o ambiente escolar, enchendo-o de muita vida e de muito interesse. Ao lado dos jogos educativos, dos clubes, dos auditórios e de outras atividades não menos interessantes, surgiu o *trabalho em grupo* que introduziu um novo estimulo no trabalho escolar.

Alguns ensaios de "trabalho em grupo" foram feitos em diversas das nossas escolas, alcançando sempre o mais completo êxito. Entretanto, apesar dos resultados positivos que essa nova organização do trabalho em classe trouxera ao ensino, tal sistema não se difundiu como era de se esperar. Mesmo nos ginásios e liceus, onde a sua aplicação traria ao ensino incontestaveis beneficios, o seu uso ainda não se generalizou. Na escola primária a experiência desse método de trabalho tem sido feita nas classes mais adiantadas (3.º e 4.º anos), em que os alunos já possuem hábitos sociais mais desenvolvidos e maior dominio dos instrumentos de leitura, podendo, assim, trazer ao trabalho coletivo melhor contribuição.

Esse "método", que se aplica a qualquer disciplina ou atividade, e é tão simples e agradavel na sua execução, precisa ser melhor conhecido e mais amplamente difundido.

A título de sugestão, daremos algumas explicações sobre o "trabalho em grupo", como organizá-lo e controlá-lo para que produza bons resultados atinja suas principais finalidades.

Do mesmo modo que qualquer aula, deve essa atividade ter um plano bem organizado, motivos reais

---

10.º) — HISTÓRIAS RELIGIOSAS: — "História de São Tarcisio" — "Infância de Santa Terezinha"; de Bernadette, Gemma Galgani, D. Bosco e outros.

11.º) HISTÓRIAS SIMPLES DE CRIANÇAS E ANIMAIS — "O poneizinho pardo", "Os seis patinhos", "O patinho feio", "Gregorinho e seus companheiros", "Tamanho de chupa oxo", "O logo e os tres gatinhos", "A rapôsa faminta"; "Os nós desamarrados", "Os dois pintinhos" — "Os dois coelhinhos", "A toupeira e o regador"; "O gato e o novelo de lã", "A rã e o seu arco"; "Pituchinha" (Marieta Leite) "Bonequinho doce" (Alaide Lisboa).

que a justifiquem e objetivos bem claros e definidos.

Uma vez escolhido no programa o assunto a ser tratado, estabelece o professor os tópicos principais a serem estudados e as diversas atividades a serem realizadas. Organizam-se os grupos para o estudo dos tópicos determinados, cabendo, a cada componente do grupo, a responsabilidade do desenvolvimento de uma parte da tarefa que lhes foi atribuida. Esta divisão de responsabilidade torna o trabalho mais interessante, estimulando em cada aluno o desejo de desempenhar sua tarefa do melhor modo possível. E, para evitar que a rivalidade surja entre os alunos, estabelecendo o espírito de partidarismo, os grupos não devem ser fixos, variando os seus membros em cada novo trabalho a se empreender.

Desse modo, no fim do ano, todos os alunos trabalharam em comum, neles se desenvolvendo qualidades sociais apreciaveis, como: o espírito de cooperação, a iniciativa, o respeito à personalidade alheia, etc.

Aprendem, principalmente a ter uma atitude desprendida de todo interesse pessoal e não procurando salientar o próprio trabalho mas desejando o sucesso da obra comum. Assim como os operários de uma grande construção, que trabalham anonimamente, indiferentes ao renome pessoal, mas orgulhosos da obra comum que realizam com desinteresse e amor, tambem as crianças vão se habituando a colaborar com eficiência nos trabalhos da escola.

Traçado o plano de trabalho, ao mestre compete guiá-lo discretamente, deixando às crianças muita liberdade de ação, mas, vigilante para que não se desanimem às primeiras dificuldades, colaborando com elas e auxiliando-as quando necessário. E, para a realização do trabalho, não basta fornecer aos alunos o material exigido, mas ensinar-lhes como devem utilizar-se dele.

De nada vale dar aos alunos uma grande lista de livros se eles não sabem consulta-los. A bibliografia indicada deve ser, naturalmente, muito simples e ao alcance das capacidades dos alunos. Nem muito vasta para não desorientá-los e nem se limitar a um unico livro, pois, o aluno não teria elemento bastante para comparar, escolher e tirar conclusões. Além dos livros, devem ser indicados os lugares onde os alunos possam proceder a pesquisas diretas.

São múltiplos os aspectos que podem tomar os trabalhos em grupo, com múltiplas as diretrizes a seguir.

Pode-se, por exemplo, dar ao trabalho em grupo a seguinte direção:

1.º) Colheita de dados nos livros indicados, informações e pesquisas sobre o assunto em estudo. Essa fase é, sem dúvida alguma, a mais proveitosa, pois entram em jogo todas as faculdades da criança. A sua atividade é grande e grande são os conhecimentos e experiências que vai adquirindo. Durante esse periodo o mestre auxilia a cada aluno, acompanhando-lhe de perto o trabalho, habituando-o a extrair do livro somente aquilo que interessa aos seus objetivos, ensinando-o a interpretar, selecionar fatos e a concluir. Isso evitará que o trabalho se limite a meras compilações dos textos lidos.

2.º) Após a colheita dos dados requeridos, veem as discussões e a correção em classe. Cada grupo é chamado a apresentar o trabalho realizado. Para maior interesse cada

aluno faz uma exposição oral do que fez, do que encontrou e do que aprendeu, acompanhando seu relato de uma apreciação pessoal. O professor guiará a discussão, dela fazendo participar toda a classe estimulando perguntas, fazendo observações, provocando juizos e conduzindo as conclusões finais. O assunto assim debatido, parceladamente, vai se tornando familiar e bem conhecido dos alunos.

3.º) Uma vez discutido todo o trabalho, segue-se a elaboração de relatórios simples e feitos com a colaboração de todo o grupo. Cada aluno escreve uma página sobre a parte que lhe tocou e submete-a à apreciação dos companheiros que o auxiliam na redação, se necessário fôr. Todos sentem a responsabilidade da tarefa e por isso procuram auxiliar-se mutuamente, afim de apresentarem um trabalho que honre o grupo de que fazem parte.

Terminado esse trabalho todo o material é reunido e entregue ao professor para julgamento. Feito este, podem as diferentes partes do trabalho ser reunidas em um album, o qual deve circular pela classe afim de que todos os alunos dele tomem conhecimento e vejam a apreciação do professor sobre o trabalho de cada grupo. Para maior estímulo as melhores páginas do album podem ser lidas na hora da leitura ou em auditório.

E, para verificar se a atividade realizada foi proveitosa, pode o professor organizar um questionário sobre os fatos que os alunos devem conhecer.

Esse sistema de trabalho pode ser aplicado a qualquer atividade escolar, seja para a aprendizagem de um assunto do programa, para a realização de uma excursão, a fundação de um clube e até mesmo a confecção de um trabalho manual.

Para demonstrar quão facil e interessante é a organização do trabalho em grupo, citamos aqui uma experiência feita, há já algum tempo, em um dos grupos do interior (1).

Motivara-se na classe a organização de um clube de leitura. Traçado o plano geral, foi a classe dividida em grupos cabendo a cada um uma tarefa diferente. Despertado o interesse no mais alto grau, os membros de cada grupo entregaram-se ativamente ao trabalho.

Eis como ficou distribuido o trabalho:

1.º) *grupo* — Organização dos estatutos do clube.

2.º *grupo* — Organização da biblioteca do clube: angariar livros e trazer revistas, jornais para recorte de histórias, poesias, noticias, informações e outros assuntos uteis. Confecção de livro com os recortes escolhidos.

3.º *grupo* — Exame e seleção dos recortes, classificando-os de acordo com o assunto neles contido.

4.º *grupo* — Organização do programa da sessão inaugural do clube.

Inteligentemente a professora ia orientando os diversos grupos, correlacionando o trabalho com pontos do programa, o que lhe permitiu motivar interessantes aulas de linguagem, aritmética, desenho, trabalhos, etc.

Entre outras atividades o seu plano diário registrou como mais proveitosas as seguintes atividades:

a) leitura e discussão dos recortes para a confecção de livros para a biblioteca;

b) ilustração de histórias;

---

(1) Experiência realizada no Grupo Escolar de Ibiá pela professora L. Romanelli.

c) exercícios caaligráficos pra o traçado de títulos em diversos trechos;
d) solução de vários problemas artméticos que motivaram ensinamentos novos.
e) redações diversas;
f) confecção de livros;
g) ornamentação da sede do clube.

Ainda do caderno de preparo de lições da professora, retiramos essa observação sobre os valores que ela encontrou no trabalho realizado:

a) desenvolvimento do gosto pela leitura;
b) maior interesse pelas disciplinas do programa;
c) desenvolvimento do espirito de iniciativa, ordem, responsabilidade e cooperação;
d) gosto pelo trabalho em conjunto. Toda a classe declarou ter achado o trabalho assim mais interessante e facil).

Aí está uma experiencia feliz realizada com grande simplicidade e muita eficiência.

A prática do trabalho em grupo conduz o professor à realização cabal de sua tarefa: o desenvolvimento integral do educando. A mera transmissão de conhecimentos, o ensino mecânico de pontos do programa, constituem hoje um verdadeiro atentado aos princípios da escola ativa.

"A escola é um ponto de partida e não de chegada". A ela importa muito mais desenvolver o gosto pelo saber do que a transmissão do próprio saber. E isso porque uma vez despertado o interese pelo saber, estimulada a curiosidade de aprender, a atividade do espirito do educando não se detem mais, vai sempre avante, realizando muito mais do que pedem os programas oficiais e exigindo muito mais do que as noções frias e incompletas que lhe são dadas através dos "pontos" organizados e ministrados pelo professor comodista e rotineiro...

Necessário se torna, pois, que o professor dos tempos atuais aperfeiçôe a sua técnica de ensino, melhorando-a dia a dia, procurando renovar os seus conhecimentos e substituindo os seus processos por outros mais de acôrdo com a pedagogia atual e que mestres mais avisados e experientes nos aconselham a seguir. E, assim, pelo trabalho do mestre inteligente e culto a escola irá se transformando continuadamente, sempre para melhor e para a maior felicidade das gerações infantis que nela se preparam para a vida.

"A escola tem de ser bem aprovisionada para que a criança, logo nos primeiros dias de frequência, maneje objetos reais. As salas de jogos e os próprios jogos, as plantas, os animais, a madeira e os pregos tudo isto, se deve encontrar ao lado dos livros".

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrica

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

DR. SILVINO PACHECO

MÉDICO

DOENÇAS DAS SENHORAS - OPERAÇÕES

AFONSO PENA, 952
3.º andar

SALAS 326 a 330
Fone 2-5682

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOCI
PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Rua Rio de Janeiro 634 — Junto á Praça 7 — Tel. 2-3333

Caixa Postal, 169 — Belo Horizonte

Instruções para organização das Excursões Escolares

Geralda LUCAS

O Regulamento do Ensino Primário, introduzindo as excursões nas escolas, recomenda essa atividade como uma das práticas pedagógicas mais valiosas preconizadas pela nova didática.

Excursão é uma visita feita em grupo pelos alunos de uma escola a um lugar ou a uma instituição, para observação direta dos fenomenos ou fatos estudados em classe. E' um meio de ensino usado como se usa o mapa, gravuras, globo, etc., e aplicável também a tôdas as matérias do programa.

"As excursões põem o aluno em contato com o mundo natural, excitam os sentidos, provocam a atividade do pensamento, contribuem para o desenvolvimento da vida em comunidade, estreitam as relações de estima entre professor e alunos, desenvolvem qualidades sociais e oferecem oportunidades para o trabalho físico e o prazer espiritual." (Aguayo — Didática da Escola Nova).

Tipos de excursão — Há muitos tipos de excursões escolares. Algumas delas se põem a serviço de uma disciplina ou de um assunto, ou designio determinado, por exemplo: os peixes de um lago ou as aves de um bosque. Outras têm o caráter de aprendizagem global; por exemplo: visitar uma cidade. Há também excursões cujo fim é orientar os alunos na seleção de um assunto ou recolher material para uma série de observações. (Aguayo — Didática da Escola Nova).

Podemos classificar as excursões em culturais e recreativas. As culturais devem ser mais frequentes por encerrarem geralmente maior soma de valores educativos. Ao mesmo tempo que fornecem aos alunos oportunidades para desenvolvimento da linguagem, aquisição de qualidades sociais, etc., são feitas com o fim de auxiliar o professor na execução do seu programa de ensino completando as suas aulas.

Desenvolvimento de uma excursão cultural — A professora está realizando um plano de estudo e não encontra na classe material para concretizar as suas lições; faltam-lhe meios intuitivos. Se o objeto que vai constituir o assunto da aula póde ser transportado para a classe, ou visitado no museu da escola, não há necessidade da excursão, a menos que esse objeto venha a perder parte do seu interêsse, uma vez deslocado do seu "habitat". Se o material de que o professor tem necessidade para desenvolver as suas lições não pode ser transportado para a classe, os alunos irão procurá-lo e estudá-lo no seu ambiente natural. Tal acontece com o estudo dos acidentes geográficos, fábricas, oficinas, etc.

As excursões culturais nascem sempre da necessidade da classe e são motivadas por uma aula e dão ordinariamente motivo a outras au-

las, levando os alunos a desejarem novos conhecimentos. Pode-se algumas vezes iniciar um trabalho ou finalizá-lo com uma excursão. Mas, geralmente, ela representa uma etapa intermediária da atividade.

As excursões culturais devem ser feitas de preferência por alunos de uma só classe, pois um assunto dificilmente interessaria no mesmo momento a escola tôda e, por causa do grau de conhecimentos dos alunos, que é diferente, tornando-se muito fácil para uns o que é difícil para outros, ou interessando a estes o que é fastidioso para aqueles.

Excursões recreativas — Estas realizam-se geralmente em dias feriados ou festivos. Seu programa pode constar de números de canto, jogos, recitativos, etc. O local escolhido é quase sempre um lugar aprazível, um campo, um parque, um logradouro público, etc. Seus valores educativos são numerosos, visto qu eoferecem inúmeras oportunidades para treino das qualidades sociais e estímulo à alegria e saúde das crianças. Despertam interêsse pela escola e pela natureza. Ganham os alunos no desenvolvimento da linguagem e enriquecem suas experiências.

Resumindo, as professoras devem fazer excursões, tanto as culturais que têm, além dos objetivos educacionais, os de ensino e que completam, ou como já foi dito, motivam os estudos feitos em classe, como as recreativas ou passeios que são aproveitados também com fins educativos.

Para ser proveitosa, deve uma excursão obedecer aos seguintes princípios:

a) ser motivada;

b) ter um objetivo, isto é, visar à aquisição de conhecimentos ou de material relacionados ao assunto tratado em classe.

c) obedecer a um plano prévio;

d) encerrar valores educativos.

Em qualquer tipo ou classe de excursões que o professor realize é necessário que ponha em ação tôda a sua habilidade, para que a excursão não redunde em simples passeio, do qual, no dia seguinte, não se lembrarão mais os alunos e o professor. Nem tão pouco deve consistir em mera aula ao ar livre, em que êste exponha dogmativametne a lição do dia e os alunos a escutem passivamente.

Sair com os alunos em fileiras ou em bandos pela rua, somente em obediência a um dispositivo regulamentar, não é fazer excursão. A atenção dos alunos se dispersará, sua curiosidade pousará aquí e alí, sem nenhum proveito. E' necessário então que o professor espicace a curiosidade do aluno, chame sua atenção para as cousas importantes que estiverem passando despercebidas, aplauda as observações felizes, guiando a classe com habilidade e discreção.

Numa excursão três fases distintas devem ser observadas: a preparação, a realização e os trabalhos post-excursão.

Preparação — Primeiramente, é preciso que o professor conheça de antemão o local a ser visitado (fábrica, oficina ou instituição), afim de coligir os dados mais necessários e importantes, sôbre os quais deverá versar a observação dos alunos.

Em classe fazem-se os preparativos da excursão, sendo indispensável traçar com os alunos um plano de conduta a ser observado, não descuidando nenhum detalhe: merenda, remédios, meios de transporte, etc.,

além do material necessário, caixas, instrumentos, bússola, termómetro, etc., conforme a natureza do assunto que for objeto da excursão.

E' mais aconselhável visitar uma área reduzida, afim de que possam ser mais completas as observações dos alunos.

Realização — Terminados os preparativos da excursão, vem a fase da realização, que será tanto mais proveitosa quanto mais habilidade tiver o professor em guiar e aguçar a curiosidade dos alunos. Deve êle responder às perguntas das crianças, tendo, porém, o maior cuidado para não se demorar naquelas que não constituam objeto do plano e não se perderem detalhes e divagações que os afastem dos objetivos principais. Dará as informações necessárias. Estas, porém, serão curtas e sóbrias. As explicações mais minuciosas serão dadas na escola, após a excursão.

Nos anos mais adiantados pode-se dividir os excursionistas em dois ou mais grupos, cada qual sob a chefia de um aluno mais experimentado, dando-se a cada um a tarefa de interrogar e coligir informações sôbre pontos previamente determinados. Um certo critério, entretanto, se faz mistér na formação dêsses grupos e na distribuição de tarefas a cada um, não os constituindo só de alunos fracos ou só de fortes, visto que pode acontecer que os primeiros não consigam cousa alguma de valioso para o estudo que estão fazendo. Mas igualmente se deve evitar reunir num mesmo grupo meninos excessivamente tímidos a outros muito absorventes; ou de diferença muito acentuada de adiantamento. Isso dificultaria o trabalho em colaboração, ficando algumas crianças inativas, enquanto outras absorveriam tôda a responsabilidade do trabalho.

Post-excursão — A terceira fase consiste em trablhar com o material colhido nesta, isto é, em extrair a essência de tudo que foi objeto de observação. Conversações são feitas em classe, comentários diversos, perguntas para estimular a memória, a reflexão e o raciocínio; troca de impressões, completando uns as observações dos outros. Para isto, o professor pode apresentar à classe um questionário, para ser respondido após a excursão. Os alunos farão desenhos, modelagens, redações, colecionamento e classificação dos objetos colhidos para enriquecimento do museu escolar, etc.

Um dos trabalhos interessantes que os alunos podem fazer é o relatório da excursão. Neste caso, o professor habilidoso, aproveitará a oportunidade para treiná-las num dos gêneros de composição mais difíceis. Levá-las-á a enumerar os fatos com fidelidade, encaminhando a sua observação, ajudando a sua memória e, o que é muito impotrante, afastando os têrmos superfluos que tornam os relatórios cheios de palavras vazias quanto ao conteúdo.

As excursões, geralmente, cansam um pouco os alunos, por maior cuidado que se tenha na sua organização, por isso, são preferidas para a a realização as primeiras horas do dia escolar. Depois das excursões as crianças se entregarão a trabalhos que demandem pouco esfôrço, como desenho, modelagem, etc., Seria desaconselhavel que a professora, nesse período, as ocupasse numa aula de cálculo, ou de exercícios físicos.

UM PROJETO

L. M.

Dentre os grandes sistemas de ensino que a escola moderna vem experimentando nesses últimos tempos, nenhum logrou maior interesse e êxito que o sistema de projetos. Baseado na psicologia da ação, satisfez desde os primeiros ensaios a professores e a alunos que nele encontraram o processo de aprendizagem mais completo e mais de acordo com as necessidades e tendências de cada um.

Em nossas escolas os projetos foram introduzidos logo que as novas teorias educacionais começaram a se expandir irradiadas pela Escola de Aperfeiçoamento. Como toda inovação, mereceu a principio grande interesse chegando mesmo ao extremo de constituir para muitos professores o único processo de ensino. Tudo era pretexto para um projeto, estivesse ou não de acordo com os desejos e interesse dos alunos, surgisse ou não de uma situação real, visasse ou não matérias do programa. Começaram então os abusos. E as consequências não se fizeram esperar. O pouco conhecimento dos principios que devem reger a realização de um projeto e falta de contrôle das atividades que o acompanham tornavam a aprendizagem superficial e muitas vezes divorciada do programa, influindo desfavoravelmente no rendimento escolar. Tais resultados começaram a despertar uma certa prevenção contra os "projetos" que foram sendo postos de lado ou realizados com menos frequência. E, foi pena, realmente, que o grande entusiasmo pelos "projetos" sofresse tal declinio, pois, incontestavelmente, é o processo que melhor conduz a aprendizagem aos seus verdadeiros fins.

Que os nossos professores procurem se inteirar dos principios que regem o "método" de projetos e voltem a aplicá-los com mais frequência, segurança e eficiência.

Todos sabem que um "projeto" é um trabalho planejado e realizado em situação real. Surgido o motivo e despertado o interesse da classe pela sua realização, traçam-se planos e procura-se dentro de situações reais, levá-lo a bom termo, atendendo, assim, ao princípio: "Uma situação problemática deve chegar a um termo que a resolva".

Para tornarmos patente o valor de um projeto, vamos relatar um interessante trabalho realizado no Grupo A.P., da Capital, por uma classe do 4.º ano.

Por ocasião do centenário da União Panamericana os diversos Grupos da Capital realizaram estudos sobre os paises da América do Sul. Coube ao Grupo Afonso Pena o estudo da Bolivia. Procurando interessar a classe num assunto tão fora dos seus objetivos imediatos e das atividades que prendiam a atenção dos alunos, a professora Aurea Queiroga procurou um motivo que estimulasse na classe o desejo de estudar o referido país. Surgiu então o projeto de uma viagem simulada à Bolivia.

O interesse pelo projeto se manifestou logo, intensamente, e, com todo o entusiasmo começaram a traçar os planos necessários a uma viagem que iria durar 10 dias. Procuraram informações no Touring Clube sobre os meios de realizarem a viagem até La Paz; traçaram o roteiro da excursão determinando as etapas da viagem; estudaram as condições do clima nas regiões a visitar, afim de levarem roupas apropriadas; escreveram cartas; prepararam os passaportes; fizeram o cálculo das despesas requeridas em excursão de tal vulto; iniciaram o estudo de cambio ante a necessidade de converterem a nossa moeda em pesos e em bolivianos; consultaram diversos livros, estudando os usos e costumes dos povos que iam conhecer e os aspetos mais interessante dos paises que iam visitar. Tudo preparado, iniciaram a viagem que se realizou dia a dia, de acordo com os planos traçados. Diariamente registravam em seus diários os incidentes havidos na viagem revelando cada qual a riqueza de sua imaginação e as experiências colhidas nos livros. Durante 10 dias todas as atividades da classe estiveram ligadas ao interessante projeto, entrando em ação todas as disciplinas do programa, quer antecipando assuntos a serem estudados mais tarde, quer motivando futuras lições. O desenvolvimento da classe foi palpavel e real, ganhando os alunos gosto pelas pesquisas em livros e o habito de organização do trabalho em grupo.

PLANO GERAL DO PROJETO
(*Notas colhidas no caderno de preparo das lições*)

Assunto: O estudo da Bolivia.
Motivação: Comentário das instruções baixadas pelo D. E. para a comemoração do cincoentenário da União Panamericana, despertando na classe o desejo de realizar uma viagem simulada à Bolivia.

Desenvolvimento: 1.º Estudo do país a ser visitado. (Situação, aspeto físico, clima, história, raça, lingua, religião, artes, forma de governo, bandeira, capital, cidades principais, comércio, etc.).

2.º *Preparativos para a viagem*:
a) cartas: ao Governador do Estado, pedindo apoio e auxilio para a viagem até ao Rio; ao Touring Clube pedindo informações; ao Presidente da República solicitando auxilio para custeio da viagem até a Bolivia.

b) Cálculo aproximado das despesas de viagem (passagens, hotéis, passeios, etc.) para estabelecimento da quota de cada aluno; operações de cambio para conversão da moeda brasileira em pesos e em bolivianos.

c) Estudo e traçado dos roteiros até a Bolivia.

r) Escolha de roupas apropriadas ao clima das regiões a percorrer.

e) Lista de objetos indispensaveis em uma grande viagem.

3.º *Realização da viagem* — Partida de Belo Horizonte e chegada ao Rio. (Descrição da viagem).

b) Passeios pela cidade, visitando os pontos mais bonitos e interessantes. (Ilustrar a descrição dos passeios com vistas e fotografias).

c) Carta aos pais sobre a impressão que tiveram do Rio e comunicar-lhes o dia da partida para Buenos Aires.

d) Partida do Rio no "Augustus" (Apresentar uma fotografia do referido vapor e vistas internas, descrevendo-se o navio).

e) Visita aos portos de Santos, Paranaguá e Rio Grande.

f) Chegada a Buenos Aires. (Passeios pela cidade através de gravuras e descrições).

g) Partida para La Paz (Descrição da viagem — Visita aos lagos, etc.).

4.º Preparação de um album sobre a viagem realizada.

Alguns trechos do album com que os alunos finalizaram, brilhantemente, o interessante projeto

(Do diario do Renato)

Sexta-feira, 5 de Abril.

Chegamos à estação da E. F. C. B. minutos antes do trem partir. Havia grande confusão, porque eram muitas crianças. A manhã estava magniífica e fomos tagarelando alegremente. Passamos por Congonhas do Campo, cidade tradicional; Barbacena, onde se acha o hospital para doentes mentais; Santos Dumont, que deve seu nome ao grande inventor da aviação; Juiz de eFora, cidade muito industrial e cheia de fábricas; Serraria, divisa de Minas com Rio de Janeiro. Passamos, ainda, por Paraibuna, Paraiba do Sul e muitas outras cidades e às oito horas e cincoenta, mais ou menos, chegamos à estação Alfredo Maia. Graças a Deus não houve atraso.

(Diario de Diva)

Sabado, 6 de Abril.

Estamos hospedados no Hotel Avenida.

Acordei cedinho com o telefone. Atendi. Era D. Aurea que me dava "Bom dia" e me chamava para ir ao Corcovado Aprontei-me e desci. Fui esperar D. Aurea na porta do hotel. Ela desceu com D. Leonilda, D. Pequetita e D. Elza, que tambem nos acompanhavam na excursão. Algumas meninas tiveram medo de que o trenzinho descesse morro abaixo, mas a D. Aurea explicou que o sistema é de cremalheira e que não havia perigo. Que beleza! Eu fiquei tão pequenina perto do Cristo! Nós todas ajoelhamos. Edméa, que é da comissão de divertimentos recitou a poesia de Carmem Melo: "Cristo Redentor".

(Do diario de Eliana).

Sabado, 6 de Abril, a bordo do "Augustus".

Voltamos apressadas ao hotel e arrumamos as malas para tomar o vapor. A's seis horas tomamos o ônibus e fomos até à Praça Mauá. Aí no cais estava atracado o "Augustus", que é um navio italiano muito bom e confortavel. Na hora do vapor partir ouviu-se um apito surdo e um marinheiro levantou a âncora. O "Augustus" foi se afastando lentamente, lentamente... O interior do navio é também muito bonito. As salas são muito amplas e ricamente enfeitadas, mas, de todas a de que mais gostei foi o salão de festas. A' hora do jantar cada uma de nós se vestiu mais bonitinha. A's 8 horas e meia fomos nos deitar, pois estávamos cansadíssimas. Estávamos quatro na mesma cabine: Miriam, Heloisa, Edméa e eu.

Do diario de Eliana).

Quando o nosso vapor entrou no estuário da Prata havia um grande nevoeiro. Pouco depois a lancha da saude chegou e tivemos que apresentar os nossos passaportes. Ancoramos na "dársena" Sete. Ficamos hospedadas no Hotel Cervantes. A' tarde visitamos a praça onde fica o palacio do governo, chamado "Casa Rosada", vimos o palacio do Congresso e passamos pela rua Florida,

que é a mais comercial; aí, quando estávamos olhando as vitrines, tomei um grande susto! Vi um cavalo tão grande! Depois Edméa viu numa loja do lado oposto uma linda boneca e quis atravessar a rua; mas D. Aurea, com medo de que ela fosse atropelada, puxou-a pela saia.

Visitamos ainda o bosque de Palermo e a praça Alvear. Fomos à Escola de Sarmiento e as meninas argentinas nos pediram que cantássemos uma canção brasileira. D. Elza foi ao piano e cantamos: "Brasil", de Benedito Lacerda.

(Do diario de Sonia) .

Maio, 11.

Logo que chegamos ao hotel Cervantes, vestimos a roupa de viagem e fomos para a estação onde tomamos o trem internacional para La Paz. Era enorme o movimento aí. Havia homens e mulheres com vestimentas diferentes. Eu acho que eram turistas. Vi tambem muitas crianças. D. Leonilda e D. Aurea nos recomendavam: "Fiquem quietinhos! Não saiam daí! Uma senhora aproximou-se de D. Leonilda e falou algumas palavras, mas eu não entendi nada. Ela dizia: "Niños, niños..." E mostrav aas crianças que estavam com ela. D. Leonilda sorriu, agradeceu e depois, voltando-se para nós, disse: "Estão vendo como são gentis as crianças argentinas? Vieram se despedir de vocês!

As crianças argentinas começaram a cantar: "Patria Ermana". Ficamos tão contentes que cantamos também. O trem partiu. Agitamos nossos lenços e gritamos:

"Viva a Argentina!!"

"Viva o Brasil" — gritaram eles.

(Do diario de Miriam) .

14 de Abril.

Viajamos oito horas e, às cinco da tarde, começaçmos a avistar La Paz. O espetáculo aí é maravilhoso! Do trem que caminha pelo alto da serra vimos em baixo, La Paz, com seus telhados vermelhos parecendo uma cidade de brinquedo. O trem descia a serra em zigue-zague. Disse um boliviano que ia no trem, que à noite este espetáculo é belissimo!

Quando o trem parou na estação batemos palmas de alegria. D. Aurea disse então: "Estamos em La Paz! Chegamos ao fim da nossa encantadora viagem!"

A' noite, mesmo cansados, assistimos à posse do novo presidente da Bolivia, Henrique Penaranda. Fomos depois a uma festa que havia numa escola e vimos um grupo de bolivianos com suas vestimentas regionais dansando a "zamacueca".

Aí estão algumas páginas do interessante album onde se vê descrita, com abundância de detalhes e acompanhada de boas e oportunas ilustrações, a proveitosa viagem que durante 10 dias ocupou todo o pensamento dos alunos. Os diversos trechos nele registrdos revelam imaginação viva e um conhecimento real dos ambientes com que eles tão profundamente se identificaram durante o projeto em realização. Para a ilusão ser mais perfeita a festa de aniversário da professora que transcorreu no periodo da viagem foi devidamente festejada a "bordo" com cânticos e discursos. Nada, pois, faltou ao bem orientado projeto que foi um trabalho educativo completo, pondo em foco a "força espiritual e a capacidade de trabalho produtivo da criança", o que, segundo Ferrière, é o fim primacial da educação.

COMO COMBATER A MENTIRA E A INVENCIONICE NA CRIANÇA

(Transcrição da "Revista do Ensino" do Estado R. Grande do Sul)

Desde cedo a criança trava rude combate pela existência. Tem direito à vida e poderoso instinto a impele a "realizar-se e afirmar-se". Cerca-a, porém, a sociedade, meio no qual a criança tem de viver, círculo organizado, com suas convicções, seus costumes e seus pontos de vista. Depois, está a família, com sua compreensão da alma da criança ou sua diferença, sua afeição ou sua aspereza, sua ordem de estabilidade ou sua anarquia e capricho. Tôdas essas influências auxiliam ou constringem as aspirações e as necessidades da criança. O pequeno aí caminha livre ou oprimido, auxiliado ou tolhido, hostilizado ou estimulado pelo elogio ou interêsse dos demais. Essas circunstâncias ocasionam, na educação da criança, numerosos choques, crises e rebeldias. A mentira parece-me ser um dos aspectos dessa luta da criança que quer afirmar-se e se defronta com as exigências morais e sociais. Em outros termos, é na maioria dos casos, um ato de defesa, pelo qual a criança tende a livrar-se de certas contrariedades, a fugir de si mesma ou a realizar seus desejos em situação imaginária.

As causas da mentira são diversas. Até aos seis ou sete anos encontra-se frequentemente um tipo de mentira que se pode chamar de imaginação. A criança inventa, cria um mundo cheio de tudo quanto deseja.

Raquel é uma menina de 7 anos e tem uma irmãzinha dois anos mais moça. Gostaria muito de ter um irmãozinho e inveja suas colegas mais felizes que ela. Um dia, chega e anuncia à professora que já tem um irmãozinho. Chama-se João Pedro. Descreve-o muito bem, em seu bercinho côr de rosa. A professora associa-se à sua alegria e, durante vários dias, pede notícias do bebê. A menina responde, com evidente alegria. Mas, um dia, a professora vem a saber que João Pedro é um bebê imaginario e, mui delicadamente, aproxima-se de Raquel e diz-lhe: "Não terás sonhado, por acaso, que tinhas um irmãozinho?" E Raquel respondeu-lhe com um timido "sim". Desde então, não tornou a falar na criança de seus sonhos.

Aquí não temos mentira propriamente dita, pois não foi para enganar a professora que Raquel inventou essa história. Ela é a manifestação de um desejo muito forte. São muitas as crianças dessa idade que falam de uma escola e de uma professora, como de um país que vive em sua imaginação. Tôdas essas mentiras aparentes são manifestações espontâneas, que se irão debilitando aos sete anos, quando a criança sai de seu egocentrismo e muda a direção de seu pensamento.

Há, entretanto, casos que traduzem uma grande ou constante inquietude. O inventar histórias pode ter como resultante a mitomania. Eis um caso observado por Rouma

Trata-se de um menino débil, que sempre tem alguma coisa a contar a respeito do que dizem os outros. Entrando na aula, conta a um colega que se mudou de casa, que a chaminé da nova habitação não tem boa tiragem e que a casa ficou cheia de fumaça. Romão, em seguida toma parte na conversa: "Em minha casa", diz, "minha cama se queimou e a de meu pai também. Meu pai está todo queimado; amanhã vão pô-lo num caixão". Um menino conta que viu peixinhos vermelhos em um jardim. "Em nossa casa", acrescenta Romão, "há, no sótão, um tanque cheio de peixes vermelhos e há também um gato branco com grandes chifres". A professora conta a história de um menino que costumava procurar ninhos e quebrou um braço ao cair de uma árvore. Romão levanta-se e diz: "Meu pai também foi ao mato ontem e está todo quebrado, porque quis apanhar um ninho de passarinhos. QQuebrou a cabeça, quebrou os braços, quebrou as pernas, todo, todo está em pedaços; os pais dos passaros eram pombos, e vieram dar-lhe bicadas com tôda a fôrça."

A direção e forma que tomam essas mentiras são muito curiosas. Por que êsse pai em pedaços ou evocado em um ataúde? Êsse pequeno não quer apenas ser mais do que seus colegas. Se bem que a análise de Rouma não seja suficiente sôbre êste ponto, podem-se supor as razões reais que dão origem a tais relatos: ódio a tudo quanto se refere ao pai e, também, sentimento de inferioridade.

Vejamos agora o caso de uma menina que vive inteiramente fora da realidade, o que explica suas mentiras e, provavelmente, suas dificuldades escolares. Trata-se da pequena Marta, de sete anos de idade, mal dotada para o aprendizado da leitura e do cálculo que manifesta curioso desprendimento perante o mundo real. Pensa constantemente em coisas alheias à vida escolar e afasta-se de tudo quanto a aborrece. Um dia, um grupo de escolares sai em excursão. Marta faz parte do grupo; repreendida porque se afasta de suas companheiras, exclama: Oh! eu não preciso olhar, pois vivo aquí." Isto não era exato .A cada momento vale-se da mesma desculpa. Durante o recreio, brinca em lugar solitário do campo com "outra pequena", produto de sua imaginação. Essa "dupla", que ela descreve, parece-se à personagem de uma histódia que a professora contou. Apenas esta recebe suas confidências. Diante de outras pessoas, foge, conserva-se reservada ou mente, Por que êsse procedimento, essa atitude? Marta não é feliz. Os pais não a compreendem e, além disso, tem uma irmãzinha, dois anos mais moça, que não recebeu de boa mente.

Compreende-se que, se crianças que têm a felicidade de viver em um meio normal, manifestam tais abstrações, os mesmos privilegiados devem guardar de sua primeira infância angústias, temores, ou rebeldias capazes de provocar reações brutais. E' depois dos seis ou sete anos, quando a maior parte das crianças distingue o imaginário do real, o EU do ambiente, que aparecem as verdadeiras mentiras. Vários sentimentos podem provocá-las; em primeiro lugar está o temor, o mêdo. A criança mente para ocultar um roubo, uma travessura.

Um caso clássico: Juanita queixa-se de que seu caderno de notas que estava sôbre a mesa desapareceu. Peço à Maria, a vizinha, de

quem suspeito, que veja se, por ACASO, não levou o livrinho junto com o que lhe pertence. Interrogada, Maria começa por negar e mentir, porém, depois confessa. Quando perguntei: "Por que mentiste assim?" obtive esta resposta: "Porque receava que mamãe me castigasse". Com efeito, conheço-lhe a mãe, e bem sei que eram fundados os seus receios.

"Tens o mau hábito" — diz amistosamente a Poilede o seu padrinho — "de mentir por qualquer motivo; é defeito grave, e, além disso, inútil, porque no fim, tudo se descobre". — "Oh! sim, responde aquele, mas ao menos, ganha-se tempo".

A mentira causada pelo temor pode apresentar-se sob formas curiosas.

Uma criança cometeu um pequeno roubo e confessa-o ao diretor da escola, mas nega-o quando levada à presença do professor. Por que? A criança mesma dá explicação: "Eu não queria causar êsse pesar ao meu professor". Mêdo de perder a estima e a confiança, mêdo de ser repreendida, de ser apontada pelos colegas pouco caridosos. Pode ser também questão de amor próprio ou de orgulho.

A necessidade de "afirmar-se, em face dos outros" faz com que uma menina e doze anos mostre a sua professor poesias, dizendo serem de sua autoria; disso provêm felicitações e estímulos, até o dia em que um colega descobre esta ação pouco honesta.

A mentira pode, às vezes, confundir-se com a calúnia ou, em certos casos, demonstrar complacência para colegas ou amigos.

Êsse rápido escôrço permite-nos conceber a mentira como produto de um sofrimento: um fraco que quer tornar-se forte, um ofendido que procura vingar-se, um culpado que pretende dissimular. Colocando-me neste ponto de vista, não quéro, de maneira alguma, esquecer o que a mentira tem de imoral e perigoso. A psicologia não me permite tirar da moral o seu elemento dominante: a responsabilidade individual. Utilizo-a somente para melhor descobrir as origens da mentira. E o que me parece importante lembrar é que as causas que originam a mentira, na maioria dos casos, não são esporádicas, ocasionais ou acidentais. Certamente, é necessário um conjunto de circunstâncias, para que estas dêm lugar à mentira, mas o terreno está preparado, a descarga acumulada espera apenas a chispa que produzirá a explosão.

O meio social e familiar em que vive a criança é, às vezes, propício para criar êsse ambiente. Pensemos um momento nas crianças chamadas difíceis, e nas que tiveram contactos rudes, grosseiros, com os grandes mistérios da vida. Quantas circunstâncias favoraveis à mentira! "Um fator capital" escreve Charles Baudouin, "na origem da mentira das crianças, é a mentira dos próprios pais, sobretudo as respostas evasivas ou falsas, quando a criança os interroga sôbre a sexualidade e o nascimento."

Ao professor — visto querermos restringir-nos ao aspecto pedagógico da falta — é necessário conhecimento, o mais exato possível, da origem da mentira e de suas causas, afim de le ser possível procurar os meios de correção. Considerando como fixas algumas das origens da mentira, estudemos os meios próprios para combatê-la. Faremos, en-

tretanto, desde logo, a distinção entre os meios preventivos e os meios corretivos.

MEIOS PREVENTIVOS

E' condição primordial cercar a criança de franqueza, lealdade e sinceridade. "O que quisermos que as crianças sejam — escreve Binet — é preciso que nós mesmo o sejamos; não basta apenas aparentar. Não é possivel fugir por muito tempo dêsse ser interior que se pretende sufocar. E' preciso ser, e não parecer".

Ser verídico, é ter alcançado a unificação do EU, a qual não permite simular outro personagem. Veracidade até à humildade, verdade nessas mil pequenas cousas que constituem a vida da criança. Verdade, se se trata de corrigir um equívoco ou um êrro, uma experiência que não foi satisfatória, um problema que se não soube explicar com clareza, uma palavra que escapou com erros de ortografia.

A vida íntima oferece, a cada momento, ocasião de não desfigurar os fatos reais. A mãe de uma pequenita mentirosa pede ao professor desta que venha à sua casa para trocarem idéias sôbre êsse defeito. Conversam, quando batem à porta. A pequena vai ver quem bate. Volta e diz: "Mamãe, é um vendedor ambulante que pergunta si precisas alguma cousa." A mãe responde, com tôda a naturalidade: "Diz-lhe que não estou em casa."

A história de Maria, a menina que havia conservado o caderno de notas de sua colega, foi precedida do pequeno drama seguinte: Maria, em um passeio, apoderou-se da maleta de uma de suas vizinhas. A mãe da menina prejudicada procurou uma aproximação prudente com a família de Maria, porém, sem resultado. Entretanto, à tarde, a mãe de Maria foi colocar a maleta furtada atrás da porta, sem uma palavra de desculpa. Alguns dias depois, a menina nada mais fez senão seguir o exemplo materno.

A criança sente e aprecia a lealdade dos mais velhos e, por isso, nunca perderemos o nosso ascendente sôbre ela, se agirmos com sinceridade "Nunca", escreveu De Pressance, "sentí tanto respeito por meu pai, como no dia em que me escreveu: Reconheço que me enganei a teu respeito."

Essa atitude de franqueza procém realmente do respeito com que se trata a criança, por mais pequena que seja. Foerster salienta a relação que existe entre o hábito da mentira e o modo pouco atencioso de ocuparem-se com as crianças e de falarem com elas. "Um dos fundamentos da veracidade — escreve — é o sentimento da honra. Um sistema que tira a dignidade da pessoa, provoca enfermidades epidêmicas com relação à veracidade."

Outro elemento componente dêsse ambiente de confiança é o afeto, o amor bem compreendido. Com êle, alimenta-se, reanima-se constantemente a pequena chama da boa vontade; o amor une a todos, nos momentos de preocupações e d eesperançaçs, de alegrias e de dôres. Êle acaricia aos que não têm um coração materno que venha à noite aconselhar à beira do leito. E' o espirito da caridade e do perdão, da paciência e da doçura. A criança vitima da imensa injustiça de não ter família deve encontrar na escola ou no asilo, serenidade, firmeza, paciência, e, ao mesmo tempo o calor que permita desenvolver-se. Fora dessa at-

mosfera, não me parece que a educação seja possível, nem tão pouco, mais tarde, a reeducação. Eis aquí a harmonia rica e benfazeja descrita, admiravelmente, neste pequeno incidente na vida de uma classe:

Corrige-se o ditado. Diz a professora: "Agora, visto figurar o ditado nas páginas do livro de leitura, VOCÊS MESMOS farão a correção dos erros de ortografia. Lembrem-se de que devem fazê-la em casa, esta noite. Amanhã comunicar-me-ão o resultado". André, passando a mão pela cabeça, gesto que lhe é familiar, diz: "Mas, professora, se alguns corrigem os seus erros e não os confessam, terão melhores notas que os outros". E a professora, lentamente: "Isto é com vocês; não terão quem os fiscalize. Vocês poderão enganar-me, mas não poderão enganar-se a si próprios. Trata-se de saber o que lhes agradará mais: se uma pequena nota ou uma grande mentira". As crianças ficam muito sérias e há em tôdas as fisionomias um ar de decisão emocionada e de orgulhosa e contida alegria. Demos um passo mais, restrinjamos o círculo, para determinar de que maneira se pode preservar a criança da mentira.

O pequeno que teve experiências dolorosas, está coberto por uma camada impermeável; maltratado, profundamente ferido, tornou-se insensível. E' preciso, antes empreender uma reconstrução, sensibilizá-lo de novo. Conhecemos sêres indiferentes ao elogio e ao desprezo, porque ninguém lhes inspiron confiança, sêres abatidos, desmoralizados, aos quais é preciso restituir o equilíbrio.

Dirigindo a vontade para algo de bom, pode-se trabalhar também para o orgulho. A tarefa do educador consiste em encontrar um ponto de apôio. De que habilidade dispõe a criança? Como animá-la? Agrada-lhe o trabalho manual, a escrita, as flores? E' serviçal? "Os mentirosos mais inveterados — faz notar Foerster — são as crianças que, de antemão, se consideram incapazes de fazer bem qualquer cousa; o pouco caso que dêles se faz, conserva-os em estado de depressão favorável a tôdas as covardias".

Quando a criança sai à conquista do mundo, sôbre suas perninhas vacilantes, a mãe afasta-a de grandes perigos, ensina-a a não dar passos demasiado grandes ou pequenos, mostra-lhe no chão um lugar perigoso, uma escada, uma estufa, etc. No domínio da veracidade, como exigiremos estado de perfeita retidão, se não tomamos precauções para evitar catástrofes?

No ambiente de uma classe escolar mal dirigida, há, para os fracos, tentações terriveis e várias oportunidades para enganar. Refiro-me aos exercícios escritos que o professor exige do aluno, sem os ter preparado préviamente, às perguntas difíceis, às quais a classe não está em condições de responder, a essa forma de ensino que se torna um exame perpétuo com notas para todos os exercícios — nunca trabalho espontâneo — e que nem deixa a criança perceber os erros que cometeu.

Um professor que não se esforça por ensinar, de acôrdo com a capacidade de cada um de seus alunos, não terá o direito de queixar-se se os débeis e os retardados fizerem uso de tôda espécie de expedientes para vencerem essa situação. Muitos são os passos em falso que se evitam, mediante vigilância constante e com-

preensiva. A dissimulação e a mentira são mais comuns nos grupos onde reina a desordem.

Tais medidas, de maneira alguma nos eximem da necessidade de observar mais uma precaução, que, por ser menos usada, não é menos eficaz, qual seja a de manter elevado o nível moral das crianças. Todos sabemos que em nossa própria vida é indispensável cuidar da chama espiritual, renovando o seu calor mediante o recolhimento, o silêncio e a meditação. Na vida da escola ou do lar, deve haver momentos consagrados ao espírito, ao trabalho em comum, ao comentário dos principais fatos da vida familiar, seus prazeres ou preocupações, a tudo o que permita estreita colaboração.

Os alunos, às vezes, nos proporcionam surpresas magníficas e nos dão a explicação de muitos fatos.

Os momentos em que se faz alto para observar o caminho percorrido ou o ponto que se deve atingir, os impulsos para a beleza proporcionados pelo canto e pela música, as horas de sincera alegria, as palestras íntimas que têm às vezes as crianças com os professores, tôdas essas recordações, sustentarão, darão fôrças, elevarão o espírito.

MEIOS CURATIVOS

Não obstante o ambiente favorável que se cria e as precauções que se tomam, a mentira e o embuste podem surgir.

Que faremos então? Primeiramente, não se considerem por um prisma trágico. E' preciso conservar a calma e a lucidez. Os acessos de colera nos levam frequentemente a medidas contraproducentes. Si houver alguma investigação a fazer, que seja discreta, sem a intervenção de outras pessoas e sem lançar a suspeita sôbre os que não a merecem.

Procurar-se-á, da melhor maneira possível, fazer que a criança confesse a falta, momento trágico em que tôda a sua fôrça moral não será demasiada. E' êrro querer aterrorizá-la, dizendo-lhe, por exemplo: "Ai de ti, se estás mentindo!" Ao contrário, é preciso, para que o culpado diga a verdade, que o professor dê o exemplo de grande domínio sôbre si mesmo.

O juiz Lindsay assim conta uma experiência dêste gênero, feita com um rapazinho: Pondo-lhe a mão sôbre a cabeça, fiz-lhe notar que eu não o considerava um mentiroso, não obstante êle me haver jurado que não tivera nas mãos o objeto em aprêço. Disse-lhe que sabia que era um bom rapaz, a-pesar-de seus embustes, que me desagradavam muito, e acrescentei que, se êle não fizesse desaparecer, energicamente, de seu caráter êsses pontos negros, jamais chegaria a ser um homem. Eu não o deixava falar. Continuava, pondo-lhe a descoberto seu estado de alma e a circunstância que o tinha arrastado à mentira — o mêdo, que dêle se tinha apossado, ao saber que ia ser descoberto. Olhei-o intensamente ao dizer-lhe que, talvez por amor aos seus pais, tivesse querido poupar-lhes essa vergonha e tristeza, mas fiz que compreendesse que se enganara, pensando assim. Ele, então, desfeito em lágrimas, confessou-me tudo, disse-me que se sentira muito infeliz, e, de maneira que me inspirou confiança, prometeu corrigir-se.

Conhecido o culpado, é preciso reconstruir o drama. E' preciso rela-

cionar o que sabemos a respeito da criança — seu estado atual, meio em que vive, seus desejos — tudo o que conseguirmos descobrir no decurso das investigações que tivermos de fazer, afim de desenredar essa meada, cousa que pode ser muito difícil. A paciência e o cuidado consagrados a essa análise, não serão nunca esforços inúteis.

Eis os conceitos do doutor Flournoy, a propósito dêste problema: "A mentira deve ser comentada. Não basta destacar uma mentira mais evidente que as outras, e dizer que a próxima será castigada. E' preciso começar pelo comentário das mais insignificantes, à medida que se apresentem. E' preciso obrigar a criança — e é esta a sanção mais natural e eficaz a opor a essa falta — a repetir, ponto por ponto, a narração, com todos os seus pormenores, e a determinar, por um lado, o que se ajusta à verdade exata, e, por outro, o que é exagêro, invencionice ou deformação.

"Na medida do possível, deveis comparar as narrações, para demonstrar à criança como e quando falseou a verdade e explicar-lhe que não será possível depositar confiança nela, se não sabe distinguir o verdadeiro do falso. Assim, ela se dá conta, pouco a pouco, e, por sí mesma, dos fatos reais e da demarcação precisa entre os acontecimentos verdadeiros e os de sua invenção: aprende a não deixar falar a fantasia, ainda quando isso acarrete vantagem momentânea. Se, ao contrário, vos contentardes com um franzir de sobrecenho ou com um ralho em lugar de analisar as mentiras para, com o auxílio da própria criança, retificá-las, se vos quiserdes poupar ao trabalho de comentá-las, ou, sobretudo, se, em vossa pressa de corrigir êsse defeito, a castigardes ou suspeitardes dela injustamente, então mostrar-se-á desconfiada convosco e estará sempre na defensiva. Em outra ocasião, para evitar ralhos ou castigos, procurará mentir com mais habilidade. Assim, uma educação mal compreendida arrisca transformar o pequeno sonhador ou o brincalhão inconciente em verdadeiro mentiroso, cheio de malicia e má fé".

Essa análise, em colaboração com a criança, nos proporciona uma página da vida, alguns fatos que são sempre emocionantes. Para o culpado, é uma forma de sanção. Admitir honradamente o mal cometido é condição fundamental de afastar-se. Por isso, o nosso principal intento deve ser esclarecer o fato e estabelecer-lhe as causas.

Que remédio propor? Como reeducar? Quais as resistências morais a serem criadas? Quais as fôrças que se devem opor a essas fraquezas? A mentira é uma doença moral: portanto, a primeira cousa que devemos fazer é curá-la, e, em seguida, imunizar o paciente. E' uma obra de grande alcance.

A primeira cousa que se faz para salientar êsse deslise da criança, é castigá-la. Na escola, não me parece que sejam os castigos corporais os mais eficazes. "E' um êrro — escrevia Foerster — procurar vencer a mentira ou o embuste por meio de castigos corporais; há professores que pensam haver triunfado sôbre a mentira porque conseguiram que seus alunos não mais mentissem, com receio dêsse castigo. Mas, se êles não mentem mais ao professor, mentem, e em muito maior escala, aos outros. Recorrer ao mêdo, é reforçar a causa principal da mentira.

Há sanções mais eficazes e menos perigosas que os castigos corporais. A privação de certas manifestações comuns de afeto (apertar a mão, escolher para um cargo honorífico, confiar um trabalho importante) podem ter excelente efeito corretivo. A vida em internatos permite facilmente a aplicação de castigos desta natureza.

O que foi dito até aquí não nos dispensa do dever de vigiar o culpado, afim de evitar-lhe novos deslises. Examinemos agora alguns casos, à luz dos princípios determinados anteriormente.

Tratando-se de mentira de imaginação, parece que, se não se internão é verdadeiro o que está convém, a criança não perecebe que tando. Assim sendo, o esclarecer os fatos é, por si só, um sério corretivo. Além disso, os exercícios de observação que se encontram em grande número de atividades escolares, ensinarão a criança a dominar-se e a respeitar a verdade. A história que se conta para ser repetida alguns dias mais tarde pelo aluno, facilitará a ocasião de apreciar a exatidão de suas recordações. E' também útil, tanto para crianças como para adultos, fazer as experiências realizadas por Binnet. Por exemplo: apresentam-se alguns objetos, uma garrafa, uma régua, uma moeda, um par de óculos, uma fôlha de calendário, etc. As crianças os examinam por alguns momentos, e depois respondem a uma série de perguntas. As respostas são às vezes muito interessantes: o que havia escrito na etiqueta da garrafa, quando, em verdade, esta não tinha rótulo, etc. Esta prova nos mostra quão fragil é o nosso testemunho, mesmo quando somos precisos e categóricos; lição de prudência e de desconfiança consigo mesmo, principalmente se o nosso Eu entra em cena.

Nos casos em que causas afetivas provocam a mentira, um derivativo, ou seu equivalente, pode provocar uma melhora. Deve-se procurar uma atividade que faça a criança sair de si mesma: interessar-se pelos animais, por exemplo, ou cuidar de um pequeno colega. A eficácia dêsse método foi comprovada no caso de Maria, a pequenita solitária, em quem a professora notou acentuada mudança, procurando interessá-la pelo mundo exterior e especialmente pelas plantas. Um grão, uma sementinha sêca dão origem a uma planta. Quantos ecos misteriosos podem ressoar na alma da criança, perante espetáculos semelhantes! Os mesmos efeitos podem ser produzidos por um choque emotivo violento. Uma coleguinha foi vítima de um desastre de automóvel, e tôda classe se comoveu e participou dessa dôr. Enfim, alguns meses mais tarde, Marta recebeu uma irmãzinha. Tudo isso contribuiu para acalmá-la.

No caso de mentiras que tenham origem no mêdo, podem ser utilizados outros processos. Vejamos, por exemplo, os débeis, os emotivos, os nervosos, crianças cujo sistema nervoso tem reações violentas; para êsses, a cultura física. O esporte proporcionar-lhes-á uma oportunidade para fortalecer-lhes o valor. Se quisermos despertar as energias espirituais da criança, é preciso fazê-lo em linguagem compreensivel para ela.

Entre os oito e os doze anos o valor é uma das qualidades mais respeitadas. O desejo de ser forte e co-

rajoso é uma das aspirações de que maior partido se pode tirar nessa idade intermediária. Antes, eram bastantes, para conquistar a criança, as manifestações de afeto (fazer-lhe alguma vontade, proporcionar-lhe uma alegria, dar-lhe um prazer). Com o adolescente, é preciso valer-se de outros recursos. E' então que, infundir-lhe valor, equivale a torná-lo veraz. E' preciso ensinar-lhe então que o homem deve ser amante da verdade, e que mentir é característico dos poltrões e dos cobardes. Denunciar-se a si mesmo, sabendo que vai ser castigado é dar exemplo de eombridade. Aí vai um exemplo:

Esta manhã, Francisco, logo depois do recreio, veio dizer ao dono que tinha quebrado um dos vidros da janela ao fazer a cama — franqueza digna de destaque pela retidão que a inspirou. As crianças entusiasmam-se pelas façanhas de um jogador de "foot ball": bela ocasião para fazer-lhes notar que, se são aplaudidos um corredor ou um pugilista, também são admirados e louvados os que têm a coragem de confessar uma falta.

A propósito dêsses problemas, muito temos a aprender de Carlos Wagner, Foerster e Baden Powell. A maneira positiva com que estes educadores geniais apresentam a moral aos jovens, o espírito cavalheiresco que se esforçam por inculcar-lhes, baseiam-se no conhecimento profundo da psicologia da criança dessa idade. Além dêsse despertar das fôrças espirituais, é mister educar o critério. A criança tem dificuldade em apreciar os fatos e tomar em consideração as intenções, e, consequentemente, em julgar, colocando-se na dupla situação de enganador e enganado.

Como consequência de alguns incidentes, anunciei em uma classe: "Vamos falar, durante uns momentos, na maneira de enganar os professores". Assombro! Que escândalo, então, se vai registar! "Trata-se — continuei tranquilamente — dêsses mil pequenos modos de enganar o professor". Tinhamos tocado em assunto palpitante. E vejo, enquanto são analisados alguns pontos, os olhos estupefatos dêsses rapazes, que percebem que é enganar o professor resolver um problema, mediante recursos ilícitos, soprar uma resposta, e que, consequentemente, comete-se uma desconsideração para consigo mesmo e para com o professor.

Mais tarde, na adolescência, pode-se associar a mentira à estética. A criança é então sensivel ao belo, à grandeza moral. Mentir é feio; é uma falta de distinção e de nobreza. Será então o momento de examinar a importância dessas mentiras que podem ser qualificadas de altruísticas, porque têm às vezes por motivo salvar um camarada. E' o caso clássico do grupo que não quer denunciar o culpado, embora êste seja conhecido por alguns.

Foerster relata o seguinte fato, que teve lugar em uma classe: "O professor encontra uma caricatura desenhada no quadro negro e pergunta: — Quem fez isto? O interrogado conhece o culpado, porém responde: — Não sei — porque crê que, do contrário, irá atraiçoar um companheiro.

Que deverá prevalecer? O afeto pelo responosável, ou a obediência devida ao professor? Examinemos o caso. Quase todos os rapazes queriam que o interrogado declarasse

que nada sabia. As meninas — pois trata-se de um grupo mixto — quase sem exceção, estavam de acôrdo em que êle dissesse a verdade. Fiz-lhes notar que as duas soluções eram extremas: uns não tinham pensado senão no professor; outros, senão no aluno. Não se resolve um problema desta natureza sem tê-lo observado, primeiramente, sob os dois aspectos. E' necessário que a criança perceba que não é possível o ensino sem disciplina e sem lealdade. Não haveria um meio de conciliar o que se deve ao professor com o que se deve a um amigo? Um menino responde: "Nós poderíamos dizer a verdade ao professor, com a condição de que o culpado não fôsse castigado". Objetei-lhe, naturalmente, que o professor não se pode contentar com uma submissão condicional. Por fim, alguém fez a seguinte proposta: "Peço-lhes que não nomeiem agora o culpado, pois conseguirei que êle próprio se denuncie". Por unanimidade a classe se declarou satisfeita.

Uma conversação íntima, como esta, é útil, não só ao ensino, como também para que se estabeleça confiança entre o professor e o aluno. Mais vale auxiliar as crianças para que elas mesmas encontrem o bom caminho, mostrando-o como uma necessidade, e estimulá-las a que o sigam, do que aconselhar ou ensinar teoricamente a conduta a observar".

CONCLUSÃO

Estas ultimas observações de Foerster colocam-nos de novo no centro do problema que nos ocupa. Se a mentira é um sintoma de dificuldades interiores, o melhor meio de combatê-la é procurar imediatamente descobrir-lhe as causas, ou, em outras palavras, curar a alma da criança. Em tais casos, pouco ou nada se consegue com atitude de juiz.

Pelo que diz respeito a nós mesmos, à nossa própria atitude, devemos perguntar-nos se o ambiente que criamos para a criança, tem ou não êsse calor de simpatia, compreensão e carinho, tão necessário à expansão do espírito. Contém êsse ambiente o oxigênio da sinceridade?

Pensando na criança, em seu passado, em sua família, em seus desejos, em sua vida íntima, devemos perguntar-nos o que pôde provocar tais ou quais tropeços. Devemos comentar qualquer deslise, por pequeno que pareça, visto não haver um só que não tenha importância. Uma vez adotadas, determinado o caminho a seguir, acompanhamos afetuosamente essas crianças maltratadas, procurando a maneira de auxiliá-las a verem claro em si mesmas e a procurarem bases e motivos que as incitem a se elevar por suas próprias fôrças.

A educação moral pressupõe, para quem assume a responsabilidade de exercê-la, um sentido de realidade. Antes de tudo, exige fé, segurança absoluta no triunfo das fôrças do bem. Devemos manter uma atitude de confiada certeza. "Que médico — disse Amiel — conseguirá infundir tanta coragem como uma chispa de felicidade ou um raio de esperança?" Tornar alguém feliz é, pois, em rigor da verdade, o mesmo que engrandecê-lo, duplicar-lhe a intesidade da vida, fazer-lhe uma revelação de si mesmo, agradá-lo e, às vezes, transformá-lo.

BIBLIOGRAFIA

AGUAYO, Alfredo M. — Didática de la Escuela Nueva — Habana, 1932. — Capítulo XX.

Tratado de Psicología Pedagógica — Habana, 1925.

ORGANIZAÇÃO DO APRENDIZADO DE ARITMETICA

(Capitulo V de "A Nova Metodologia da Aritmética" — por Edward Lee THORNDIKE)

O velho esquema da organização do aprendizado da aritmética era bonito de olhar, mas muito dificil de aprender. Supunha-se que o aluno aprendia na ordem seguinte:

Inteiros

Leitura e escrita de números
Adição de números inteiros
Subtração de números inteiros
Multiplicação de números inteiros
Divisão de números inteiros
Moeda decimal

Leitura e escrita de moeda decimal.

Adição de moeda decimal
Subtração de moeda decimal
Multiplicação de moeda decimal
Divisão de moeda decimal.

Frações ordinárias: leitura escrita, redução, menor múltiplo comum, soma, subtração, multiplicação e divisão.

Frações decimais: leitura, escrita, conversão de frações ordinárias em decimais, adição, subtração, multiplicação e divisão.

Números complexos: redução em ordem ascendente e descendente, adição, subtração, multiplicação e divisão.

Percentagem: leitura, escrita. Os "tres casos" de percentagem:

a) multiplicação por percentagem; b) determinação da percentagem correspondente a certo número; c) determinação de número correspondente a certa percentagem.

Aplicação do cálculo de percentagem à avaliação de juros, descontos, premios de seguro, taxas, dividendos, rendimentos de ações, etc.

Raiz quadrada e cúbica: sua extração.

Cálculo de áreas de certas superficies e do volume de certos sólidos ou da capacidade ou conteúdo de certos recipientes.

Observando as dificuldades com que tinham de lutar os alunos logo no inicio do aprendizado da primeira parte do programa, alguns professores contra ele se vinham insurgindo. "Por que", ponderavam, "deverá uma pobre criança que mal principia a estudar, lidar com centenas, milhares e milhões se não póde conceber facilmente essas quantidades e se nem tem necessidade de entendê-las, antes de saber que 2 e 3 são 5 e 10 menos 6 são 4? Por que exigir que dominem completamente a soma de inteiros, antes de lhes ensinar a subtrair? "Mas imprudentemente exageravam o seu ponto de vista, criando um sistema tão dificil, quanto o primeiro.

FUENMAYOR, Alejandro — La Política de la Educación — Caracas, 1936.
RIVERA CASARES, N. — Así son los niños. — Arequipa, 1932.
PETERSEN, R. y PIAGET, J. — La Nueva Educación Moral — Revista de Pedagogia. Madrid.
MARTENS, Elise H. — Los Problemas de adaptación social del niño. Série de Educación, número 103. — Unión Panamericana, Washington, D.C., 1936 (De] Boletin de la Unión Panamericana). (1).

(Da "Revista de Pedagogia y Cultura Nacional", de Quito — Equador).

Organizaram o aprendizado em torno dos números de modo que os alunos deviam aprender todas as combinações possíveis da soma, subtração, multiplicação e divisão com o número 4, depois com o número 5, depois com 6 e assim por diante.

Outros professores, revoltados contra o defeito que permanecia nos programas de se colocarem no inicio do aprendizado coisas muito dificeis, deixando muitas mais faceis para o fim, pensaram em remediar o mal. Mas estes, também, se extremaram em suas correções, traçando um novo sistema em "espiral" pelo qual o aluno aprendia primeiro um pouco de adição, subtração, multiplicação e divisão, depois mais um pouco de adição, subtração, multiplicação e divisão, depois um tanto mas e assim sucessivamente. O artificialismo e as restrições deste programa eram quasi tão perturbadores para o aprendiz, quanto as dificuldades do primitivo, acrescidas da perda do mérito principal do velho sistema, que era o de conduzir cada parte do aprendizado a um objetivo definido.

FINALIDADE DA ORGANIZAÇÃO

Os novos métodos trataram, antes de tudo, de penetrar a critica superficial e apanhar uma compreensão nitida da finalidade a que deve tender um plano geral de organização de estudo daaritmética e do critério ou "padrão" à luz do qual deve ser julgado. E chegaram à conclusão de que o objetivo principal a ter em mira deve ser o de facilitar o aprendizado, auxiliar a fixação do aprendido e a sua aplicação na vida. Seja o sistema bonito de se ver no papel ou um belo inventário do conteúdo da aritmética, bom para figurar num catálogo de estudos, ou uma relação bem organizada pela qual um compendista possa assegurar-se de que nada foi esquecido em seu livro, ou ainda uma relação que exponha claramente os tópicos principais da aritmética a um pessoa que

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONE 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

já a conheça, não importa — tudo isso tem relativamente alcance insignificante.

Houve entre os educadores uma infeliz paixão pela sistematização. Amavam o sistema pelo proprio gosto de ordenar. Estão ainda em uso livros de soletração em que ensinam primeiro as palavras de uma sílaba depois as de duas, depois as de três e assim por diante: ou em que se agrupam aos pares palavras homofonas; ou em que se reunem todas as abreviaturas comuns.

Os programas e os compendios de aritmética não escaparam a esta nefasta paixão. Por exemplo, unicamente uma verdadeira mania de sistematização poderia diferi r para depois do aprendizado do ocmplexo processó da divisão longa, o ensino de fatos como:

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{2} = 1 \text{ ou } \frac{1}{2} \text{ de } 4 = 2,$$

de tão facil compreensão e tanta necessidade à criança, quer na escola, quer fora dela, relegando para os últimos anos do curso primário certas noções tão necessárias, ou usar o calculo de juros como pretexto para exigir que os pobres pequenos quebrem a cabeça para achar o membro escamoteado ao quarteto: capital, juros, taxa, tempo.

Contra essa tendência de mera sistematização do sistema pelo próprio sistema, erigido em ídolo nas escolas, protestam com veemência os novos métodos. Depois de haver aprendido aritmética para si mesmo, talvez valha a pena ao aluno gastar algum tempo na organização "lógica" de seus conhecimentos, com assuntos inuteis para a vida em geral, mas de algum interesse para o preenchimento das lacunas que hajam ficado no conhecimento integral do sistema. Entretanto, em geral, um sistema só tem valor até o ponto em que facilita ao aluno o aprendizado da aritmética e a sua aplicação na vida.

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza da péle, Manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1795 — TELEFONE, 1969

PASTEUR E O MENINO MORDIDO POR UM CÃO HIDRÓFOBO

(Tradução de um trecho de "Vie de Pasteur", de R. Vallery-Radot)

UMA vez, em uma aldeia dos Voges, um menino chamado José Meister foi mordido por um cão danado. Nesse tempo ninguem sabia ainda curar a "raiva". Aqueles que eram mordidos tornavam-se atacados da terrivel doença e para impedí-los de morder era necessário prendê-los e amarrá-los. No fim de algum tempo eles morriam no meio dos maiores sofrimentos.

Imaginem a dor dos pais do pequeno José, quando viram seu filho mordido por um cão danado. Eles chamaram logo o médico da cidade vizinha, mas este disse-lhes:

— Infelizmente eu não posso curar o seu filho, mas eu li ultimamente, que há em Paris um sábio que acredita ter achado o remédio contra a raiva. Ele se chama Pasteur. Eis aqui o seu endereço. Vão procurá-lo.

O pobre pai partiu logo para Paris com o seu filhinho. Naquele tempo não se viajava tão depressa como hoje. Quando eles chegaram a Paris já fazia tres dias que o menino tinha sido mordido e estava bem mal.

O pai levou-o logo à casa do sábio. Pasteur tinha estudado durante muito tempo esta terrivei doença, tendo feito numerosas experiências. Ele tinha encontrado uma vacina que impedia de ter a "raiva", como outra vacina que vocês conhecem impede de ter a varíola.

Mas ele não tinha ainda experimentado sua vacina em nenhum homem. Quando ele viu que era sobre um menino que ele devia fazer tal experiência pela primeira vez, ficou muito emocionado e quasi tremeu de medo. Ele tinha tanto amor às crianças!

— E se por acaso eu me enganei? pensava ele. E se minha vacina matar esse menino em vez de curá-lo?

Entretanto, ele não podia esperar mais tempo. Se ele não vacinasse o menino, sem dúvida alguma ele se tornaria atacado da "raiva" e morreria.

Pasteur então se decidiu. Nessa mesma tarde ele vacinou o menino.

— Se amanhã cedo ele não tiver febre, ele estará curado, disse ele aos discipulos que assistiam à experiencia.

Deitaram o menino em um leito colocado num quarto perto do sábio. Os alunos de Pasteur se retiraram para dormir. Pasteur, porém, não dormia. Durante toda a noite ele andou pelo aposento vigiando o pequeno doente. Como a manhã lhe parecia custosa de chegar! Que longas eram as horas! Mas o dia veio afinal. Pasteur examinou a criança. Ela não tinha febre, ela ia sarar. Imaginem a grande alegria de Pasteur e a felicidade que sentiu o pai do pequeno José, vendo-o salvo. Depois dessa experiencia, Pasteur ganhou confiança

O irmão de João Sujinho

(Conto de Sara Cone BRYANT,
traduzido por MARILÉO)

HAVIA um menino tão descuidado que o apelidaram de João "Sujinho". Ele deixava seus livros pelo chão, colocava suas botinas empoeiradas sobre a mesa, entornava tinta na roupa, metia os dedos nos doces e, enfim, era a criatura mais lambuzona que jámais se vira.

Um dia a fada "Cuidadosa" entrou no quarto de João e vendo tanta desordem fez uma cara desgostosa e disse-lhe:

— Isso não pode continuar assim. A sua desordem não tem fim. Vá ao jardim brincar com seu irmão enquanto eu ponho seu quarto em ordem.

— Eu não tenho irmão, disse João admirado.

— Oh! tem sim, disse-lhe a fada. Talvez você não o conheça, mas ele conhece você muito bem. Vá ao jardim e espere por ele. Ele aparecerá, certamente.

João, meio desconfiado, desceu ao jardim e começou a brincar em um monte de areia. Dalí a pouco apareceu um esquilo, agitando a sua linda cauda.

— E' você que é meu irmão? perguntou-lhe o menino.

O esquilo olhou-o de alto a baixo e disse-lhe:

— Você é louco? Olhe meu pêlo como está escovado e brillhante; meu ninho é limpo e meus filhos são bem educados. Você me ofende com essa pergunta! !

E saltando para uma moita próxima, o esquilo desapareceu.

João ficou encabulado e continuou a esperar. Pouco depois apareceu um belo passarinho.

— Por acaso é você o meu irmão? perguntou-lhe João.

— Eu? Que impertinênica! Você não encontra ninguem tão asseado como eu em todo o jardim, meu caro. Eu passei toda a manhã a alisar minhas penas e eu quereria que você visse meu ninho onde estão meus ovos tão brancos e bonitos!

Seu irmão! Nem pense nisso!

E, abrindo as asas, o belo pássaro voou.

João, sem saber o que pensar, continuou a esperar. Nisso, surgiu perto dele um belo gato angorá, que vinha andando com todo o cuidado para não sujar as patinhas.

— Por acaso é você o meu irmão? — perguntou-lhe o pequeno.

— Vá olhar-se no espelho! — respondeu o gato com altivez. Desde pela manhã que eu me lavei e passeio ao sol. Vê-se bem que você não usa lavar-se! Não ha pessoa da sua especie na minha familia; eu estou contente de dizer isso a você.

E, levantando airosamente a cau-

---

na sua descoberta e pôs-se a aplicar a milagrosa vacina em todas as pessoas mordidas por cães atacados de hidrofobia. E assim ele se tornou um grande benfeitor da humanidade.

da, o angorá seguiu adiante, deixando o pobre João todo desconcertado.

Pouco depois um grande porco chegou marchando. João Sujinho nada lhe perguntou, mas o porco foi logo dizendo:

— Bom dia, meu caro irmão!

— Eu não sou seu irmão, disse o menino.

— Oh! Sim, sim, disse o porco. E' verdade que eu não me sinto muito orgulhoso de você, mas os membros da minha familia são bem conhecidos. Venha depressa; nós iremos tomar um banho no lodo e depois rolar sobre o esterco.

— Eu não gosto de brincar no esterco, disse João.

— Vá contar isso às galinhas, disse o porco. Olhe suas mãos, seus pés e sua roupa. Venha daí! Nós teremos muito tempo e você poderá saborear comigo a lavagem que está naquele balde.

— Eu não quero comer lavagem! exclamou João.

E como o porco continuasse a teimar, ele se pôs a chorar.

asseado,

Nesse momento chegou a fada "Cuidadosa".

— Eu já arranjei e limpei o seu quarto, João. Veja se o conserva assim muito tempo. Agora, escute. Você quer ir com seu irmão, ou vir comigo e aprender a ser cuidadoso e asseiado?

— Eu quero ir com a senhoda, por favor! suplicou o menino, segurando o vestido da fada.

— Melhor, grunhiu o porco. Sobrará mais lavagem para mim!

E afastou-se para os lados do chiqueiro.

"Todo aquele que tem um ideal ou uma missão na vida, grande ou pequena, é um heroi quando sabe ir ao fim com boa vontade, todos os minutos, todos os dias, todos os anos".

INGENIEROS

ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FISICA E DESPORTOS

CONDIÇÕES PARA INSCRIÇÃO NOS EXAMES VESTIBULARES

1 — O candidato ao exame vestibular de qualquer dos cursos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, instruirá o seu requerimento com os seguintes documentos:

a) certidão, em original, pela qual prove idade minima de 18 anos (completos na data da inscrição ou por completar até 30 de junho) e máxima de 35 anos;

b) atestado de idoneidade moral;

c) carteira de identidade;

d) atestado de vacina anti-variólica recente;

e) atestado de sanidade física e mental;

f) recibo do pagamento da taxa de inscrição;

g) 4 fotografias 3x4.

2 — Será ainda exigida:

a) do candidato à matricula na 1.ª série do Curso Superior de Educação Fisica, no curso de Técnica Desportiva ou no curso de Treinamento e Massagem, a apresentação de certificado de conclusão do ciclo fundamental do curso secundário ou prova de conclusão do referido curso, nos termos das alineas "b", "c", "d" e "f" do n. 3 da circular número 1.200, do Departamento Nacional de Educação;

b) do candidato à matricula no Curso Normal de Educação Fisica, a apresentação de diploma de normalista, reconhecido pelos Estados ou pelo Distrito Federal;

c) do candidato à matricula no Curso de Medicina da educação fisica e dos desportos, a apresentação de diploma de médico, devidamente registrado no Departamento Nacional de Educação ou serviços federais que o antecederam.

3 — O exame vestibular constará de provas fisicas e provas intelectuais, escritas e orais e a ele só se admitirão os candidatos que, submetidos a exame médico na Escola, forem considerados perfeitamente hígidos.

Critério de aprovação

Serão aprovados os alunos que, tendo satisfeito às exigencias das provas físicas, constante do quadro anexo, obtiveram no mínimo nota trinta (30) por disciplina e cincoenta (50) no conjunto, nas provas intelectuais.

Disposições gerais

I — Serão eliminatórias, em seu conjunto, as provas físicas.

II — Não haverá 2.ª chamada, nem pública-forma de quaisquer doprovas em que consistem os exames vestibulares, de que tratam estas Instruções.

III — Não será aceito o pedido de inscrição do candidato que apresentar documentação incompleta.

Minas e a Campanha Nacional do Trigo em Patos

A Secretaria da Agricultura de Minas Gerais instalou, há cêrca de nove anos, o Campo de Sementes destinado à experimentação tritícola no munícipio de Patos. Sob a direção do agrônomo Moacir Viana de Novais, nele se tem processado uma série de interessantes "tests" culturais, que representam o resultado de pacientes estudos em pról da campanha nacional do trigo. Essa campanha tem merecido do Governo Mineiro a mais eficiente assistência técnica e material, pelo que exprime em relação à nossa economia agrícola; e as experiências até agora levadas a efeito encerram perspectivas altamente promissoras no que se refere às possibilidades de produção do precioso cereal no país, elevando-a ao nível das suas exigências internas de consumo.

O plantio do trigo em Patos é realizado duas vezes ao ano, o que contraria, na prática, a opinião teórica de alguns "experts", que afirmavam a impossibilidade do êxito, ali, não de duas, mas até mesmo de uma colheita anual apenas.

Conforme frisámos, as condições de solo e clima da região prestam-se admiravelmente ao trigo, cujo primeiro plantio é feito em meados de Fevereiro, beneficiando-se a cultura no periodo normal de chuvas (irrigação natural), produzindo entre 1.200 e 1.500 quilos por hectare. O segundo plantio opera-se em princípio de Maio e a cultura se desenvolve por meio de irrigações artificiais, produzindo entre 2.000 e 3.000 quilos por hectare. Ocupando as áreas cultivaveis de Abril a Setembro, época em que, geralmente, se reduzem ou cessam virtualmente as atividades agrícolas, a semeadura do trigo em Maio é altamente vantajosa para os agricultores que possuam em seus terrenos facilidades para a irrigação artificial. Na estação chuvosa, não teriam necessidade de sacrificar as áreas destinadas comumente ao plantio de outros cereais importantes como o arroz, o milho, o feijão, etc.

As variedades de trigo cultivadas no Campo de Sementes de Patos estão praticamente imunibadas ao ata-

---

IV — Não serão aceitos certificados com assinaturas ilegiveis, nem certidões da existência de certificados de exame em outros institutos, nem publica-forma de quaisquer documentos.

V — Os casos omissos serão regulados pelas Circulares e Instruções, ora vigentes, relativas ao *concurso de habilitação*, no que forem aplicaveis.

VI — Os documentos devem ter selo suficiente e firmas reconhecidas.

VII — As inscrições estarão abertas às 9 horas do dia 15 de janeiro de 1942 e se encerarão ás 12 horas do dia 31 do mesmo mês e ano.

VIII — O horário do expediente é das 9 às 12 horas.

que ferruginoso, verdadeiro flagelo dos trigais. Pelo cruzamento da Variedade Patos 155 com a Variedade Bagé 1851, foram conseguidas nas experiências ali realizadas, três ótimas linhagens, altamente resistentes à ferrugem. Duas dessas linhagens receberam as denominações "Soares de Gouveia" e "J. Cavalcanti".

Foram obtidas tambem novas variedades, com magníficos resultados entre o "Patos 155" e a variedade "Montes Claros".

Um "test" interessantissimo, destinado a demonstrar a imunidade da "Variedade Patos 155" à ação da ferrugem foi levada a efeito num cotejo experimental, ao qual concorreram oito variedades especialmente plantadas para essa prova de resistência. Nenhuma escapou ao ataque ferruginoso, exceção da "Variedade 155", que se manteve absolutamente isenta ao insulto.

Outra interessante experiência está sendo realizada no Campo de Sementes de Patos pelo agrônomo Moacir Viana de Novais com o fim de obter um produto especial de cruzamento do trigo com o centeio. Através das tentativas em curso, espera aquele técnico obter uma linhagem cerealifera inteiramente nova e capaz de resultados econômicos surpreendentes. O completo sucesso alcançado com a seleção genealógica da "Variedade 155", imunizada à ferrugem, e que assinalou um verdadeiro "record" de produção por hectare, representa um incentivo para o desenvolvimento de outros importantes estudos cujos resultados assumem o maior interesse no dominio da Agricultura técnico-experimental.

GRANDE CONCURSO PERMANENTE DE EDUCANDO

COM A COOPERAÇAO DO DEPARTAMENTO MINEIRO DA CIA. EDITORA NACIONAL

Premiados seis assinantes de Educando

O sorteio dos livros correspondentes às edições de Setembro e Outubro do ano p. findo foi feito a 10 do corrente na redação de EDUCANDO. Estiveram presentes o representante da Cia .Editora Nacional, a gerente da revista, a presidente da A. P. P. de Minas Gerais e diversas professoras da Capital e do interior do Estado.

Foram contempladas as seguintes assinantes: Maria Idelfonso de Oliveira, diretora do G. E. de Piranga; Elvira Gori, professora em Ubá; Sassá José Nahás, professora em Itabirito; Maria Luzel de ePadua, diretora do Grupo Escolar "José Bonifacio", da Capital; Colégio N. Sra. Auxiliadora de Campo Grande (Mato Grosso) e Grupo Escolar "Astolfo Dutra", de Cataguazes.

O sorteio da presente edição será oportunamente anunciado pelo "Minas Gerais".

"O educador do futuro é aquele que tende a ser, com a maxima simplicidade um "homem completo", isto é, aquele que, mostrando-se tal como a natureza o fez, procura elevar-se no sentido dum ideal moral de equilibrio, de razão, de bondade e de amor".

A. FERRIE'RE

Ensinando a observar

Excerto do livro - "Como se ensina Geografia"

A. F. PROENÇA

Tomemos agora, para estudar, um mamífero. Seja, por exemplo, o *boi*.

Repare-se, antes de tudo, na forma das patas. Por que motivo o boi tem patas em vez de garras? A resposta dependerá da resposta a esta outra pergunta: De que se alimenta o boi e onde encontra êle o seu alimento? Ora, se o boi se alimenta de hervas, o terreno sôbre o qual êle tem de pisar, geralmente fôfo e úmido só oferecerá resistência a uns pés chatos e de base larga. Quanto a garras, de que serviriam elas ao boi? Compare-se o boi com os outros animais herbívoros: o cavalo, a cabra, o carneiro, o veado, o elefante, etc..

Estude-se, depois, um mamífero carnívoro: o gato ou o cão. Compare-se o animal estudado com outros carnívoros — o leão, a onça, etc..

Comparem-se em seguida os herbívoros com os carnivoros, sob o ponto de vista da conformação da cabeça, o talhe, a cobertura do corpo, as armas de defesa ou de ataque. Faça-se ver, por exemplo, que o carneiro não foi feito para as regiões quentes. Note-se que os carnívoros vivem nas florestas, enquanto os herbívoros procuram as planícies e os vales. Daí a diferença relativa do talhe.

Como terminaçãço dêste estudo faça-se a criança concluir que só podem existir herbívoros onde há pastagens, salvo o caso de adaptação especial como acontece com a girafa e o elefante, e que a existência dos carnívoros depende estreitamente da existência dos herbívoros, visto que são êstes que servem de alimento àqueles.

Pelo que se acaba de ver, é vastíssimo o campo que se abre ao professor. Vastíssimo e interessnte.

O estudo assim feito terá duas vantagens: despertar o gôsto das crianças por êsse gênero de indagações e servirá de preparação ao estudo da zoogeografia. Quando, mais tarde, tiverem os alunos de estudar a fauna nas várias regiões do globo, estarão aptos para compreender a razão por que os animais não se distribuem uniformemente por toda a superfície da terra.

"O homem pobremente dotado no aspecto intelectual não pode ser nunca um bom mestre".

KERSCHENSTEINER

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita depósitos nas seguintes contas:

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —